



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE FILOSOFIA

LUCAS BARBOSA SILVA

O SOFRIMENTO NOS TORNA HUMANOS:
APROFUNDAMENTO SEGUNDO A FILOSOFIA DA RELIGIÃO CRISTÃ

ANÁPOLIS

2020

LUCAS BARBOSA SILVA

O SOFRIMENTO NOS TORNA HUMANOS:
APROFUNDAMENTOS SEGUNDO A FILOSOFIA DA RELIGIÃO CRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Filosofia sob a supervisão da Coordenação Adjunta de Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade Católica de Anápolis.

Orientador: Prof. Mestre Tobias Dias Goulão

ANÁPOLIS

2020

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à minha família, que sempre confiaram em mim, dispondo a com ajudas tanto materiais quanto espirituais advindas de nossa relação afetiva. Aos meus amigos e também conhecidos que me apoiaram e sempre intercedem à Deus por minha jornada.

A minha mãe Ana e também meu pai João, que são meus apoiadores incansáveis, que demonstram com grande afincamento e cuidado comigo, amo-os com imenso amor, assim são a motivação para uma contínua perseverança na vivência e busca dia a dia de nosso ideal.

Dedico também aos meus sobrinhos Gustavo e Heitor, os quais sinto muita saudade, que eles possam crescer sempre em graça e sabedoria, buscando aquilo que há de melhor na vida, o amor, respeito, amizade, fé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço essencialmente Deus que nunca me deixou sozinho, mesmo nos momentos de sofrimentos, quando lágrimas caíam do meu rosto. Ele sempre, com toda certeza, estava comigo me ensinando nos momentos mais difíceis a ser melhor como ser humano. Ele ininterruptamente me dá forças para continuar a minha caminhada.

Aos meus pais que sempre estão a me incentivar e apoiar!

A minha bisavó Antônia (*in memoria*) por tantos sorrisos e alegrias partilhadas em minha caminhada até aqui, amor eterno em minhas lembranças.

A todos os meus familiares que me ajudam a seguir em frente!

Aos meus amigos que mesmo com a saudade sempre de uma forma ou outra entramos em contato a cada dia fortalecendo mais nossa amizade.

Aos irmãos de convivência diária, grandes foram os desafios e quantas dificuldades, mas com estes desafios e dificuldades, hoje alcançamos mais um passo de nossa meta.

À esta casa de formação, na pessoa do reitor Pe. Anevair José, eterna gratidão pela preocupação e confiança depositada a mim e aos meus irmãos.

Ao meu diretor espiritual Pe. Wólnei, sem dúvidas posso dizer que foi canal da graça de Deus para mim neste processo, grande amigo, muito obrigado.

Ao professor Pe. Titus que me deu forças para concluir este projeto, tendo paciência para comigo e sendo a voz de Deus quando estava difícil a caminhada.

Ao meu orientador Tobias Goulão que me deu suporte para conclusão deste trabalho.

Agradeço a todos que sempre estiveram ao meu lado apoiando e ajudando!

“Os corpos não sofrem, as pessoas sofrem”

Eric Cassel

“O sofrimento somente é intolerável quando ninguém cuida”

Dame Cicely Saunders

“A dor não surge apenas por estimulação periférica, mas também por uma experiência da alma, que reside no coração”

Platão

“Aquilo que foi doloroso suportar torna-se agradável depois de suportado; é natural sentir prazer no final do próprio sofrimento”

Sêneca

“Já amei, já sofri, no final de tudo eu sorri e estou amando mais uma vez, sofrendo mais uma vez e sorrindo mais uma vez, porque é assim mesmo, todos amam, todos choram, todos sorriem, a vida te ensina a ser assim”

Aristóteles Júnior

“Não há riqueza maior que a saúde do corpo, nem contentamento maior que a alegria do coração. É melhor a morte do que uma vida amarga e o descanso eterno, mais que uma doença prolongada”

Eclesiástico 30, 16-17

RESUMO

O trabalho apresenta um estudo sobre o sofrimento humano, em que se alcança a diferença entre a dor instintiva e a capacidade que o homem tem de sofrer. O sofrimento se dá pela faculdade racional do homem, onde este não só sente a dor, porém entende por que dói, diferentemente dos outros animais que são irracionais. Por essa capacidade o ser humano pode não somente sofrer, mas também significar o sofrimento, dar sentido, aproveitando dele para uma maturação humana. Sabe-se também que o homem buscando sentido para o sofrimento, encontra-se o Ser Superior, assim surgindo as religiões em várias culturas. A religião cristã trata com grande afinco a questão do sofrimento.

Palavras chave: Sofrimento; Homem; Dar sentido; Religião.

ABSTRACT

The work presents a study about human suffering, in which the difference between instinctive pain and the capacity that man has to suffer is achieved. Suffering occurs through the rational faculty of man, where he not only feels pain, but understands why it hurts, unlike other animals that are irrational. Due to this capacity, the human being can not only suffer, but also signify suffering, giving meaning, taking advantage of it for human maturation. It is also known that man, seeking meaning for suffering, finds the Higher Being, thus emerging religions in various cultures. The Christian religion deals with the issue of suffering with great diligence.

Keywords: Suffering; Man; Make sense; Religion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O HOMEM QUE SOFRE.....	11
2.1	VIDA DOS ANIMAIS.....	11
2.1.1	Dimensão sensitiva dos animais.....	12
2.1.2	Dimensão intelectual do ser humano.....	13
2.2	A DOR E O SOFRIMENTO.....	14
2.2.1	A dor.....	14
2.2.2	O sofrimento.....	16
2.2.3	Diferença de dor e sofrimento.....	17
2.2.4	Subjetividade do sofrimento.....	18
2.3	HUMANIDADE MARCADA PELO SOFRIMENTO.....	20
3	SABER SOFRER IMPLICA SER MAIS HUMANO.....	22
3.1	A DIGNIDADE DO HOMEM.....	22
3.2	O HOMEM SABE SOFRER?.....	23
3.2.1	Aceitação do sofrimento.....	25
3.2.2	Capacidade do homem de suportar e superar o sofrimento.....	26
3.2.3	O amor pode causar sofrimento?	27
3.3	DAR SENTIDO AO SOFRIMENTO.....	28
3.4	O SOFRIMENTO FAZ-NOS MAIS HUMANOS.....	30
3.4.1	Maturidade advinda pelo sofrimento.....	31
3.4.2	Auto realização pelo meio do sofrimento.....	32
4	O HOMEM RELIGIOSO SOFRE.....	35
4.1	O HOMEM TRANCENDENTE.....	35
4.2	A FILOSOFIA DA RELIGIÃO.....	36
4.2.1	A filosofia e o sofrimento.....	36
4.2.2	A religião.....	38
4.2.3	Religiões tradicionais.....	39
4.2.3.1	Animismo.....	40
4.2.3.2	Hinduísmo.....	40
4.2.3.3	Judaísmo.....	40
4.2.3.4	Budismo.....	41

4.2.3.5	Islamismo.....	41
4.3	FILOSOFIA DO SOFRIMENTO NA RELIGIÃO CRISTÃ.....	42
4.3.1	Jesus Cristo sofredor.....	44
4.3.2	Ascese Cristã ante o sofrimento.....	45
4.3.3	Espírito de sacrifício.....	46
4.3.4	Mártires e santos.....	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	49
	ANEXOS.....	51

1. INTRODUÇÃO

O sofrimento faz parte da existência humana como nota quase que necessária para a existência, pois está na composição animal como instinto protetivo do corpo, biologicamente a dor tem a função de amparo aos animais, assim pela dor todos os animais podem saber quando estão machucados, e assim procurar de alguma forma a cura ou restauração daquela ferida.

O homem tem como componente, esta capacidade instintiva sensitiva, porém com sua aptidão racional vai além do sentir a dor, ele sofre. Portanto, entende-se que o sofrimento acompanha a vida do homem em toda sua trajetória terrestre, desde o nascimento até o leito de morte.

Sendo o sofrimento parte da natureza humana, deve questionar como muitas vezes, ele se apresenta aos homens, de onde surge no decorrer dos dias? Em parte, surge pela ação do próprio homem, como exemplo pode-se citar a criação humana de penitenciárias, armas de fogo, martírios, escravidão, miséria, ambição, etc.; onde o sofrimento é disposto pela escolha do bem menor ou mal, assim recebendo como consequência de suas próprias escolhas a pena.

O sofrimento pode trazer ao homem, uma profundidade em seu viver, a partir da superação, ao até fazendo com que ele, a partir do sofrimento evolua, tornando-se melhor, como ressalta Mohana (1980, p. 39): “o sofrimento nos torna ‘humanos’”.

Viktor Frankl teve sua vida marcada pelo sofrimento, vivenciado no campo de concentração na época da segunda guerra, apresenta um intenso estudo sobre ele, pela Logoterapia, esclarecendo assim que o homem deve dar sentido ao sofrimento, para assim poder supera-lo e viver melhor. O autor supracitado diz que: “Na sociedade afluyente existe muito pouca tensão, (...) o homem desaprendeu a renunciar” (2019, p. 71), em outras palavras o homem desaprendeu a sofrer, e precisa reaprender a renunciar a si mesmo, por um bem maior a si próprio ou ao próximo, dando um sentido pleno e novo em sua caminhada terrestre.

Portanto, somente o ser humano tem capacidade de aproveitar das situações sofridas e dar sentido a elas, podendo assim alcançar uma plenitude em relação a sua humanidade e também à espiritualidade, como assegura Frank (2003; p. 149): “A vida humana pode atingir a sua plenitude, não apenas no criar e gozar, senão também no sofrimento”.

O homem é um ser transcendente, e a partir desta faculdade, ele procura na religião o Ser Superior, onde existe o homem, existe cultura, e de igual modo, uma crença em Deus. Várias religiões existem no mundo, e estas tratam de maneira unânime o sofrimento. Sendo a religião cristã seguindo o grande exemplo de sofredor, o Deus que se fez homem.

2. O HOMEM QUE SOFRE

2.1 VIDA DOS ANIMAIS

A “vida é força dinâmica que procura o próprio desdobramento. O desdobramento processa-se em ritmo harmônico, semelhante ao compasso do coração: sístole e diástole – conservação da própria identidade e intercâmbio com o meio ambiente” (TEPE, 1983, p. 28). Assim, a vida é garantida no ato de criação de todos os seres vivos, isto se repete consecutivamente em cada ser que surge no tempo. Dentro do conjunto dos animais, contém uma diferença específica, que aqui se faz necessário exibição.

Os animais são seres vivos que estão situados no mundo sensível, por isso são substâncias compostas de matéria e forma – Hilemorfismo – assim sendo, a forma é o princípio vital que move o corpo, este é a parte material. Para que haja na matéria vida/movimento faz-se necessário a ação deste princípio vital, como afirma Lucas (2005, p. 20): “O princípio vital não é uma atividade vital como as outras, mas a forma substancial do ser vivo, e como tal, é o primeiro princípio de toda atividade. A forma substancial é uma substância, não um acidente, porque é um constitutivo essencial do ser vivo”. A partir disto, vê-se que cada ser existente contém uma essência, a qual é necessária para a individualização de cada ente.

Nos animais o princípio vital é produzido pela organização corporal no ato criador. Assim estes começam o seu crescimento e desenvolvimento por meio do princípio vital que o faz locomover-se e seu movimento sensitivo, até quando dar-se-á seu fim. A vida animalesca contém um instinto de conservação e também um instinto de comunicação, para a vivência em sua espécie como assegura Tepe (1983, p. 29): “Vida é, pois, algo dinâmico, equilíbrio lábil, nunca estático. Manter-se de um lado – isso significa defender-se, fechar quando necessário; e comunicar-se por outro – o que significa abrir-se, confiar e arriscar-se”.

Os animais são impelidos pelos instintos a agirem conforme sua natureza própria. Todo animal tem em sua natureza a dimensão vegetativa e a dimensão sensitiva/locomotiva, estas dimensões citadas, são responsáveis pela condução da jornada destes seres vivos, desde o início de suas vidas até a morte.

A dimensão vegetativa é a capacidade que os animais têm da nutrição, crescimento e a reprodução, como nos apresenta Lucas (2005, p. 21): “Chamamos vegetativos ao ser que tem em si só a execução do movimento, enquanto que o fim pelo que opera e a forma em virtude da qual opera os dão outros”; assim sendo, as plantas também contêm esta dimensão vegetativa, assim ela se nutri, assimila, cresce, pode produzir outra através de si (ou suas sementes).

2.1.1 Dimensão sensitiva dos animais

A dimensão sensitiva/locomotiva é a capacidade que os animais têm de se mover, sentir e executar. “O ser vivo (animais) que tem um certo conhecimento, não escolhe por si seu fim, mas atua em virtude de uma forma: a da coisa conhecida” (LUCAS, 2005, p. 21). Um animal dirige-se para sua presa simplesmente por instinto, este leva-o ao movimento de caçar para se alimentar; outro fator importante desta dimensão é a sensibilidade instintiva que os animais trazem. Quando um animal é agredido ele responde instintivamente com grito ou com uma ação repressora. Esta dimensão abrange os sentidos internos e também os externos. Estas atividades estão imanentes nos animais, em todos eles, incluindo o ser humano.

João Paulo II (2009, p. 06) pondera: “A dor, como é óbvio, em especial a dor física, encontra-se amplamente difundida no mundo dos animais. Mas só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta o porquê; e sofre de um modo humanamente ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória”. Portanto, é notório a diferença existente entre homem e animal. Os animais racionais, os seres humanos, são compostos de um corpo e de uma alma, assim a alma humana não é um acidente do corpo, e sim, é um princípio vital que dá o movimento para que este esteja em pleno funcionamento. Assim, a alma humana, como princípio vital tem como função o crescimento, desenvolvimento, multiplicação, raciocínio, etc., traçando seu percurso até a morte, como apresenta Mondin (1980, p. 32) “O corpo é elemento essencial do homem. Sem ele: não pode alimentar-se; não pode reproduzir-se; não pode aprender; não pode comunicar; não pode divertir-se”.

Viktor Frankl relata em seu livro ‘Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial’, sobre uma experiência feita em macacos, onde são aplicadas injeções, estes sentem as dores referente a sucção para produção de um soro para o homem, questiona-se na obra: “Conseguiria o macaco porventura imaginar por que razão tem que sofrer?” (2003, p. 64). Prontamente, pode-se fazer este questionamento de modo afirmativo, porém continua a falar o autor supracitado, que o mundo dos animais irracionais é diferente do mundo dos racionais, assim não é acessível dar valor àquela dor, pois falta-lhe a capacidade cognitiva para entender o que foi sofrido em seu corpo.

Souza (2016, p. 02) apresenta um ótimo exemplo para demonstrar a diferença entre os animais irracionais e os racionais: “Pombo é pombo, gato é gato e assim são os animais. Já o homem é muito diferente disto, criando a própria natureza, tudo originado pelo homem foi para sua sobrevivência e adaptação para conviver com outros da espécie”. Os animais trazem em sua

dimensão sensitiva a disposição perceptiva sensitiva da dor, está com a função de alarme do corpo material.

Rohden¹ (1980, p. 122) expõe que se não houvesse a dor entre os seres vivos, não possuiria segurança da continuação da vida e sua integridade, de igual modo, mostra a dor, como “grande protetor da vida e da integridade dos vivos”, assim continua: “Toda vez que um organismo é lesado de qualquer forma, surge o alerta da dor, para que o ser vivo tome as providências necessárias para evitar lesões ulteriores”. Apoiar-se assim, também na afirmação feita por Vergely (2000, p. 43): a “dor física é um mal revelador de uma crise interna, mas também de uma agressão externa que o corpo pode sofrer”.

O ser humano quando toma consciência deste alarme sai à procura de meios para restauração do corpo caso seja necessário, bem como nos descreve Gusman (et al., 1997, p. 03): “a dor funciona como alarme, um alerta de que algo vai mal e merece a nossa atenção. Então, até certo ponto, a dor cumpre um papel saudável. Ela é capaz de nos fazer cuidar com todo carinho de um ferimento ou correr para o hospital a tempo de evitar um enfarte”. Isso acontece por causa da capacidade racional do ser humano.

2.1.2 Dimensão intelectual do ser humano

O homem, animal racional, contém todas dimensões supracitadas, porém, possui uma nota que o diferencia dos outros animais, que é a dimensão intelectual. “O ser vivo intelectual, o homem, leva em si não só a execução e a forma, mas também o fim, assim que opera por um fim que se escolheu livremente” (LUCAS, 2005, p. 21), portanto, a atividade intelectual se dá pela capacidade de conhecimento e sua intencionalidade, ou consciência, que consiste na propriedade em que o sujeito percebe-se a si mesmo, isso só é possível, pela sua capacidade racional.

Aristóteles no livro *De anima* define o homem como ‘animal racional’, igualmente outros autores, como Sheen (1960, p. 334) afirma que “Aristóteles e Santo Tomás incluíram a palavra animal em suas definições do homem. Apesar de possuir êle algo em comum com os animais, é o mais perfeito de todos”, e assim o autor continua:

O Homem Racional. O sub-humano acha sua perfeição no humano, onde as paixões, instintos, impulsos e necessidades estão sob o domínio de um intelecto e de uma vontade. São essas duas faculdades da alma que tornam o homem humano e maior do que o cosmos. Por ter um corpo, êle pode, fisiologicamente, conter parte da

¹ O autor apresenta uma visão esotérica da filosofia aplicada à compreensão da realidade, mas aplica princípios que se mostram válidos na percepção do sofrimento, o que nos é importante nesta pesquisa. Para este trabalho toma-se somente os princípios aplicados nesse campo e que são auxiliares de outras perspectivas aqui adotadas.

ordem química e da ordem animal dentro do seu próprio organismo; mas, por ter um intelecto, pode conter o universo dentro de si, pelo conhecimento. É maior do que o cosmos, porque pode conter o céu na sua mente, que lhe atribui o grande ônus de colocar sua mente no céu. O animal pode somente conhecer este pasto bom, ou esta água boa, mas o homem pode conhecer a Bondade. O homem é transcendente ao animal, também porque pode transformar um pensamento livre numa ação livre. O gelo tem de ser frio, mas só o homem deve ser bom. (SHEEN, 1960, p. 335)

Do mesmo modo, Tepe (1983, p. 10) “O homem define-se como animal racional. É ser complexo; é alma espiritual e corpo animal, ao mesmo tempo. (...) O homem é um ser consciente, livre e responsável”. O ser humano com a racionalidade consegue ir além do mundo material o ponto de refletir em uma dimensão espiritual, metafísica, somente no intelecto. Segundo Lucas (2005, p. 21) a principal característica da dimensão intelectual é a liberdade, fundada sobre o conhecimento intelectual como expressa: “A característica do ser vivo em geral é, portanto, a atividade imanente; a característica do ser vivo sensitivo é o conhecimento sensível; e a característica do ser vivo intelectual é a liberdade, fundada sobre o conhecimento intelectual”.

Em todos os animais, as dimensões vegetativa e sensitiva se encontram na parte material, ou seja, no corpo. Porém existe uma parte mais elevada e mais perfeita, no qual o homem sobressai a matéria e pode se encontrar dentro de si, em seus pensamentos. A dimensão intelectual está na região espiritual, esta dimensão proporciona ao homem a capacidade de inteligência, memória, etc.

Portanto, pode-se concluir que todos os animais possuem a dimensão sensitiva, que é a capacidade de sentir. Porém, pela capacidade do homem de raciocinar, este consegue elevar uma sensação de dor e entende-la, já os animais não podem raciocinar sobre a dor. Ora, o homem é um ser consciente por causa de sua racionalidade, não somente sente dor, mas sofre.

2.2 A DOR E O SOFRIMENTO

2.2.1 A dor

O dor dá-se através da dimensão sensitiva contida tanto nos homens, quanto nos animais, através do corpo ela é percebida como nos apresenta Gusman (et al., 1997, p. 05): “A pele, devido à sua grande sensibilidade dolorosa, permite uma percepção mais nítida da dor”, portanto, através do sentido chamado tato dá-se a percepção. Desde modo, o corpo naturalmente transmite através do sistema nervoso central informações que chegam ao cérebro, este manda impulsos, aos quais, são decodificadas as sensações, dando-se assim a percepção da dor.

Assim como foi exposto anteriormente a dor está presente na vida humana como mecanismo de defesa para conservação do corpo, como nos diz: “A dor é, antes de tudo, um sintoma, que, pelo protesto que suscita em nós, deve mobilizar todas as nossas potências interiores e dirigi-las para nossa defesa” (LAVELLE, 2014, p. 77), deste modo, ela sinaliza algum ferimento ou deficiência na composição material, assim o indivíduo procura a cura. Comete então a dor, tanto a proteção do corpo, bem como vantagens quanto a de: “contribuir para o prazer, e também a de nos informar sobre nossos limites” (VERGELY, 2000, p. 19).

A dor pode se dar em várias intensidades, cognominadas pelo próprio sujeito, algumas rápidas, outras desconfortantes, talvez apavorantes e até cruéis. Lavelle diz que “De todos os estados de consciência, a dor é o que pode tornar-se mais intenso e mais agudo. É um dilaceramento interno em que o eu adquire, no próprio ataque por ele sofrido, uma consciência de si extraordinariamente viva” (2014, p. 65). Destarte, esta dor sendo qualificada pelo indivíduo não só pela intensidade, mas também de forma temporal, como nos apresenta Gustman referindo que a dor possa ser: Transitória², Aguda³, Crônica⁴.

Existem dores tão intensas que expõe ao sujeito um estado de quase loucura, muitas vezes por não saber como anestesia-las, ou até simplesmente ameniza-las, para que tenha instantes de alívio. Contudo, o homem por sua consciência percebe a dor, e entende pelas respostas cerebrais que algo está te afetando de maneira branda ou de forma agressiva e intensiva.

A dor pode ser física ou até psicológica, e muitas vezes a psicológica é muito mais agressiva ao ser humano, a exemplos de pessoas que sofrem acidentes físicos, aos quais recebem traumas perenes, diante desta situação a dor física se esvai, restando a dor psicológica da incapacidade, existem casos de pessoas que surtam com esta realidade. Viktor relata em seu livro ‘A Busca de Sentido’, o que vivenciou no campo de concentração e aponta: “A dor física causada por golpes não é o mais importante (...). A dor psicológica, a revolta pela injustiça ante a falta de qualquer razão é o que mais dói numa hora dessas. Assim é compreensível que um golpe que nem chega a acertar eventualmente pode doer até muito mais” (FRANKL, 2019, p. 39).

² Transitórias: são dores de curta duração na qual o dano real é quase inexistente ou reparável raramente se acompanha de intensidade. (GUSMAN et al., 1997, p. 04)

³ Aguda: caracteriza-se pela combinação de lesão tecidual, dor e ansiedade. Por lapso de tempo muito curto entre o afrontamento com a causa do ferimento e a preparação para o restabelecimento. (Ibid.)

⁴ Crônica: subsiste depois que cessou de cumprir uma função necessária, não é mais um simples sintoma de ferimento, é doença. É um problema médico grave, em si, que exige uma atenção insistente. (Ibid.)

2.2.2 O sofrimento

Vergely diz que “Sofrer quer dizer ter dor” (2000, p. 17), deste modo, é compreensível quando um autor como Rohden diz que “O sofrimento é um fenômeno universal em todo mundo das existências vivas” (1980, p. 121), demonstra que o sofrer está perceptível ao ser humano e em toda continuidade de sua vida terrestre. Deste modo, demonstra que o sofrimento é algo complexo que está enraizado na condição humana.

A Encíclica *Salvavit Dolores* apresenta: “O sofrimento é algo mais amplo e mais complexo do que a doença e, ao mesmo tempo, algo mais, profundamente enraizado na própria humanidade” (JOÃO PAULO II, 2009, p. 03). A complexidade do sofrimento é tamanha, que até quando não sofre, sofre por não sofrer, assim nos descreve um grande psiquiatra relatando a realidade de pacientes que convivem com uma enfermidade que os tornam incapazes de sofrer: “Mas o paradoxo de que quem sofre de melancolia “anestésica” sofre precisamente pela sua incapacidade de sofrer” (FRANKL, 2003, p. 154).

João Mohana elucida vários sentidos sobre o sofrer, apresentadas a seguir:

Sofrer é perder alguma coisa, o que se tem ou o que se esperava ter. (...) Sofrer é carregar a vida de ombros curvos e calejados; sofrer é lutar, matar-se e não apalpar o resultado do cansaço e da morte; (...) sofrer é viver numa cama quando se quereria viver no trabalho; sofrer é amar e esbarrar com a indiferença, com a frieza, com o ódio; é precisar e não ter; é pedir e não obter; é chorar e não ficar consolado. (1980, p. 49).

Sofrer é chegar ao Fim e encontrar a Ausência, sabendo que outros encontram a Presença. Sofrer é chegar ao Fim e só ver Fogo, sabendo que outros só vêem Luz. Sofrer é chegar ao Fim e morrer, sabendo que outros viverão. (Ibid., p. 51).

Muitos autores também apresentam textos relacionados ao sofrer, como Vergely ao apontar: “Sofrer quer dizer estar mal. Sofrer quer dizer também suportar, tolerar, saber esperar com paciência e, por uma passividade criadora” (2000, p. 36); outro autor apresenta: “O sofrimento é um antegosto da morte” (ENGELHARDT, 2003, p. 383), contudo, o sofrimento pode ter vários significados como: angústia, tribulação, adversidade, dificuldade, aflição, agonia, amargura, desgosto, dor, etc.

Lewis nos apresenta dois sentidos para o termo sofrimento: A. “Um tipo de sensação particular, provavelmente transmitida por fibras nervosas especiais, e reconhecida pelo paciente como sendo esse tipo de sensação quer goste ou não dela”, ou, B. “Qualquer experiência, seja física ou mental, que desgoste o paciente” (LEWIS, 1986, p. 44), assim confirma que o sofrimento pode-se dar no plano material, tanto quanto intelectual – espiritual.

O sofrimento é uma restrição daquilo que é adequado, onde o “homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem

sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou” (JOÃO PAULO II, 2009, p. 04), e prossegue o autor afirmando que o sofrimento não é um mal objetivo, mas é a situação em que o homem se sente mal, e assim sentindo, o indivíduo torna sujeito do sofrimento.

Alguns tipos de sofrimento: pobreza, saúde, status social, desarmonia conjugal, discussão com amigos, distância, dificuldades no trabalho, vida cotidiana, aceitação, roubo/assalto, vingança, mortificação, riqueza, família, arrependimento, brigas, remorso, suicídio, criminalidade, morte, etc., são inúmeros, porém, faz-se necessário ressaltar um aspecto de dois tipos o sadismo⁵ e o masoquismo⁶, onde pelo sofrimento alcança-se o prazer, vale ressaltar que este tipo de sofrimento não é digno, e sim uma busca desmedida hedonista.

Louis exibe de forma bem esclarecedora a diferença entre dor física e a dor moral, quando relata: “Sabemos bem que uma dor física pode ocupar-nos inteiramente; no entanto, em vez de dizer que ela absorve, então, todas as potências da consciência, seria antes preciso dizer que ela paralisa essas potências e suspende seu curso”. E assim segue esclarecendo sobre a dor moral: “A originalidade da dor moral, ao contrário, está em preencher verdadeiramente toda a capacidade de nossa alma, em obrigar todas as nossas potências a exercer-se e até em dar-lhes um extraordinário desenvolvimento” (LAVELLE, 2014, p. 67). É inegável que o sofrimento moral afeta toda estrutura humana de maneira generalizada, contudo, perceber na realidade humana que o sofrimento moral também afeta a estrutura física do homem.

2.2.3 Diferença de dor e sofrimento

O sofrimento e a dor, pode ser usado analogamente, assim como, mal físico ou mal moral, de igual modo, sofrimento físico e sofrimento moral, porém existe uma diferença entre eles, entretanto, nos esclarece João Paulo II: “Ainda que se possam usar, até certo ponto, como sinónimas as palavras ‘sofrimento’ e ‘dor’, o sofrimento físico dá-se quando, seja de que modo for, ‘dói’ o corpo; enquanto que o sofrimento moral é ‘dor da alma’.” (2009, p. 03).

Também Louis Lavelle em seu livro ‘O mal e o sofrimento’ traceja com grande clareza a diferença entre a dor e o sofrimento, diante desta abundância, a diferenciação a ser apresentada,

⁵ Sadismo: é uma tendência moderna de considerar a ‘crueldade sádica’ como simplesmente grande crueldade, o sujeito “exagera o aspecto da captura e do domínio até o ponto em que o perverso só se satisfaz maltratando o ser amado, como se dissesse, ‘sou seu senhor, posso até atormentá-lo’. (LEWIS, 1986, p. 46)

⁶ Masoquismo: onde o sujeito exagera o aspecto complementar e oposto, e diz ‘estou de tal forma cativo que acolho até mesmo o sofrimento às suas mãos’. (Ibid.)

é embasada em sua filosofia. E assim descreve: “dor é algo que sofro, mas o sofrimento é algo de que me apodero; (...) a dor, precisamente por estar ligada ao corpo, está ligada também ao instante” (2014, p. 67), e assim segue: “a dor só diz respeito a uma parte de mim mesmo; já o sofrimento, o eu está envolvido por inteiro” (Ibid., p. 68), reafirma assim a complexidade do sofrimento, abrangendo todas estruturas e potencialidades do homem.

O mesmo autor apresenta que o sofrimento está sempre ligado ao tempo; e é um mal presente e sempre experimentado no agora, ao contrário de se renovar, como a dor, pelos choques que vem de fora, encontra no próprio sujeito o alimento. Contudo, ajeita que é próprio da consciência comprometer para repelir a dor, e isso não ocorre em relação ao sofrimento, afirmando o autor diz: “o sofrimento é uma ardência, um fogo interior ao qual a própria consciência precisa proporcionar um novo alimento” (Ibid., p. 68), como modelo, um arranhão em alguns dias, por amenizar a dor, o sujeito pode esquecê-lo, por outro lado, um tapa na cara, talvez nunca ser-lhe-á esquecido, restando a lembrança como alimento.

Pode-se asseverar, que a dor sempre está ligada ao corpo em símile com as coisas externas, assim, “na dor, é o corpo que está em primeiro plano” (Ibid., p. 68). O sofrimento está relacionado com outros seres, dito isto, afirma “na realidade, só sofreremos nas relações com outros seres” (Ibid., p. 69); deste modo, é notório que o ao ferir o dedo com uma faca sente-se dor física, no corpo, mas quando uma pessoa fere a outra, com palavras, o sofrimento pode perdurar a vida inteira. A dimensão do sofrimento é espiritual, com diz: “sinto dor apenas no meu corpo, ao passo que sofro com meu ser inteiro” (Ibid., p. 69).

2.2.4 Subjetividade do sofrimento

O sofrimento dá-se no sujeito, e somente este é capaz de estimar o tamanho da sua dor, logo fica claro a subjetividade do sofrer, onde algo pode causar uma dor a alguém, para outro lado, aquilo pode-se tornar despercebido a outro. “A dor, tem uma sensação desagradável, extremamente individual, só você sabe da sua dor” (GUSMAN et al., 1997, p. 03). Cada homem tem uma concepção diferente da dor segundo sua cultura, sua região e também sua crença.

Como exemplo, tomar uma vacina qualquer, pode ser tranquilo para uma pessoa, mas para outra pode ser torturante, isso se dá pelo fato de que a dor sempre está relacionada ao indivíduo que a sofre, é totalmente pessoal. Contudo, fica claro “o que um suporta, o outro não o suporta e reciprocamente, por razões que têm a ver com as capacidades próprias de cada um, com a hereditariedade de cada um, enfim, com a cultura assim como com a história pessoal de cada um” (VERGELY, 2000, p. 113).

Viktor apresenta um exemplo demonstrando a relatividade do sofrimento, relacionando o sofrimento com algo no estado gasoso, fazendo relação ao sofrer e um estado químico, e escreve: “Assim como determinada quantidade de gás preenche um espaço oco sempre de modo uniforme e integral, não importando as dimensões desse espaço, o sofrimento, seja grande ou pequeno, ocupa toda alma da pessoa humana” (FRANKL, 2019, p. 63), portanto, como um gás é capaz de tomar todo um ambiente, do mesmo modo, a dor toma conta de todo organismo humano e também todas as suas capacidades.

O autor, igualmente, assegura a relatividade do sofrimento, ao expor: “quando dizemos que o sentido é não só subjetivo, mas também relativo, apenas queremos salientar que está numa determinada relação com a pessoa, - e com a situação em que precisamente essa pessoa se realiza e se insere” (Ibid., 2003, p. 76), como exemplo, um sujeito que vive em uma situação social de pobreza, para muitos isso seria sofrimento, mas para outros não, mas até aqueles que não se incomodam com a pobreza, ao mesmo tempo estão sujeitos a outros tipos de dores. Lavelle escreve que “Só temos consciência de haver sido felizes quando já não o somos. A felicidade cria entre o mundo e nós uma harmonia em que a consciência tende a se dissolver. Já a dor nos põe à parte. Estamos sós a sofrer” (2014, p. 66), sofre-se de maneira individual, e resta ao outro, simplesmente a empatia.

A subjetividade é tamanha, que existem pessoas que chegam ao ponto de afirmar que é sim feliz por causa dos sofrimentos, com esclarece Mohana (1980, p. 52) afirmando que “o mau efeito corre por conta do ponto de vista” de cada pessoa, e por isso, dizem: “Maldito e bendito sofrimento, então. De nós depende ser ele maldito ou bendito para sempre” (Ibid., p. 29); o sujeito vê-se diante de uma realidade ao qual pode vive-la de maneira benéfica ou maléfica, dependendo muitas vezes, somente de seu olhar diferente para o que te angustia.

Atualmente os estudos científicos, em especial na medicina, tem evoluído de maneira espetacular, com isso, “a medicina sugere que a dor é controlável, que o sofrimento é evitável, e que a morte a cada vez mais postergável” (ENGELHARDT, 2003, p. 385). Entretanto os estudos científicos falham, pois, os sofrimentos não podem ser extinguidos, mas somente abrandados, como continua o relato: “O sofrimento, no fim, não pode ser evitado. A morte um dia chega” (Ibid., p. 385), é notório que a medicina impetrou considerável longevidade da vida humana, por meio de drogas farmacêuticas, porém, nem com estas conseguiram abolir o sofrimento. Discorre-se em seguida o mesmo autor, que “Embora inicialmente a carne proporcione conforto e satisfação, no final ela sempre fracassa. A carne enfraquece, adocece, envelhece e morre. O confronto com o sofrimento e a morte é inevitável” (Ibid., p. 391)

Não é que o sofrimento seja agradável ao homem, mas como nos diz João: “Ninguém diz que o sofrimento seja bom em si. Não. O sofrimento é bom pelo que nos traz” (Mohana, 1980, p. 46), pelo aprendizado que pode trazer ao sujeito que o vive.

2.3 HUMANIDADE MARCADA PELO SOFRIMENTO

João Paulo II em sua encíclica *Salvavit Dolores* expõe que o sofrimento faz parte da existência humana, que é próprio da vivência do ser humano nesta terra, e diz: “aquilo que nós exprimimos com a palavra ‘sofrimento’ parece entender particularmente algo essencial à natureza humana. É algo tão profundo como o homem, precisamente porque manifesta a seu modo aquela profundidade que é própria do homem” (2009, p. 02), com isso, denota que a humanidade já sofreu, sofre e sofrerá, pois, o sofrer esta intrínseco na vivência do homem terreno, dado a sua comunicação com os outros.

Sabe-se que o sofrimento abala a estruturalmente o homem, e ele é o reconhece, quando nota a dor como afirma Lewis: “todo homem sabe que algo está errado quando sente dor” (1986, p. 46), portanto é notório no ser humano a percepção dolorosa. De tal modo, que Soraia apresenta de maneira clara que o “sofrimento faz parte da condição humana, sendo as vicissitudes da vida companheiras inseparáveis de qualquer cultura, fase do desenvolvimento, condição socioeconômica, intelectual, geográfica, de gênero e época” (ARAGÃO, 2016, p. 01), demonstrando que o sofrer perdura por vários anos e ainda perdurará.

Mohana narra que o sofrimento é deriva grande parte da imprudência dos homens, assim como alude: “Se perguntarmos à História porque sofremos ela nos ensinará que a maioria das dores, das guerras, da angústia humana através das Idades é originada pela imprudência dos homens, pelo ódio dos povos, pelos erros de líderes, pela ambição, pelas paixões soltas, etc.” (1980, p. 31), exemplificando, cita-se a criação das armas, os martírios, a escravidão, a miséria, a ambição, etc. Lewis diz que a “possibilidade do sofrimento é inerente à própria existência de um mundo onde almas possam encontrar-se. Quando as almas se tomam perversas, elas certamente fazem uso desta possibilidade para se ferirem umas às outras” (1986, p. 44).

A vida do homem é marcada pelo sofrimento, é perceptível que todos, alguma vez em sua vida já passou por situações doloridas, ao saber, o nascimento. Desde os primeiros instantes de vida, o ser que nasce sofre ao respirar pela primeira vez, trazendo este emprego Soraia diz: “Na realidade, nascemos no sofrimento e este sempre nos acompanhou, assim como os momentos felizes” (ARAGÃO, 2016, p. 02). A vida humana é marcada de aflições, agonias,

mas também de realizações, deste modo, “jamais pode ser excluído é a inevitabilidade do sofrimento” (FRANKL, 2019, p. 138) da condição humana. Marcelo Souza (2016, p. 01) escreve que: “É impossível viver uma vida sem sofrer. (...) Por isso o sofrimento esta intrínseco à condição de viver, responsável por sua evolução através do tempo, seja qual for a cultura ou a condição social”, sem distinção de raça, de cor, de classe social, o sofrimento está presente na vida do homem.

3. SABER SOFRER IMPLICA SER MAIS HUMANO

3.1 A DIGNIDADE DO HOMEM

Pensar na dignidade do homem e entender que ela começa pela própria existência, esta, que se revela no ser – ente – como “um fundamento ontológico, porque, evidentemente, a existência pessoal representa uma forma especial do ser” (FRANKL, 2003, p. 116). O existir se revela na sensibilidade do corpo, no sofrer da alma, no ato da autoconsciência, etc., com isto, percebe-se que há um indivíduo vivo e único, se comunicando com outros, no mundo que o rodeia. Lavelle (2014, p. 66) diz que: “o que eu reconheço em meio à dor é, no próprio ponto em que ela me atinge, a presença do meu eu real, ali onde ele se enraíza no ser e na vida”, assim pela percepção do existir, reconheço-me como ser vivente, a dor cerca-o de algum modo.

A vida é dotada de várias possibilidades que protesta um sentido real incomensurável a ela, mas vale ressaltar o valor integral do ser humano, este dotado de uma dignidade autêntica, “é esse valor que constitui a dignidade do homem, uma dignidade que é independente de qualquer valor de utilidade” (FRANKL, 2019, p. 99), não se mede o valor de uma pessoa humana pelo que ela pode dar ou produzir, mas de maneira totalitária, o homem é dotado de um valor incondicional, uma dignidade absoluta. “O valor útil social de uma pessoa nada tem a ver com a sua dignidade pessoal” (Ibid., p. 259).

A vida humana parece, só adquire uma forma através dos sofrimentos, como uma bela espada, que ganha forma somente a partir de um intenso fogo e muitas marretadas, a assim afirma: “É que a vida só adquire forma e figura com as marteladas que o destino lhe dá quando o sofrimento a põe ao rubro” (Ibid., 2003, p. 154), contudo quando percebe a dor como alarme, o homem serve dela, para manutenção e preservação, dado que algumas pessoas possuem determinado tipo de paralisia em certa parte do corpo, as vezes, por não sentirem dores ou percebê-las somente após alguns instantes, machucam-se de modo mais grave por não percebê-la rapidamente.

Souza (2016, p. 07) fala que o sofrimento faz com que o homem desenvolva capacidades que aperfeiçoam a experiência social de modo harmonioso, a ponto de um olhar com empatia ao outro que sofre, mesmo em um contexto individualizado, existe um objetivo comum que é a felicidade. Todos os homens de alguma forma buscam ser felizes, pena que alguns buscam a felicidade de forma errônea, onde pode ser passageira ou até trazer àquele que a busca, consequências ruins.

Lavelle, assegura que “a dor é para nós um fator de despojamento” (2014, p. 84), contudo, fica-se presente a necessidade de renúncia, de sacrifício, de desprendimento tanto dos bens materiais quanto dos espirituais, ou metafísicos. Assim o autor expõe que o “sentido do despojamento é sempre desviar o ser do que ele tem para recolhê-lo no que ele é” (Ibid., p. 84), passa notoriamente da condição do ter, para uma nova condição de ser, sendo sem dúvidas, ser a condição que mais agrega valor à dignidade do homem.

Assegura a dignidade do homem a sua capacidade de escolha, o ser humano é dotado de liberdade, esta, molda a maneira de como viver a vida, como afirma Souza (2016, p. 02): “Por que se não tivermos esta liberdade, teríamos que viver de qualquer jeito, viver regido por aquilo que se tem e não teríamos que definir nossas vidas”, os animais existem conforme sua própria natureza, reproduzem, alimentam-se, etc., idêntico ao que o instinto lhe convencionou. Já o ser humano, sua natureza, lhe proporciona escolher alimentar-se agora ou não, reproduzir ou não, etc., tudo por sua capacidade de livre arbítrio.

Diante de situações difíceis da vida, o homem também é colocado ante decisões a serem tomadas, e a sua escolha diante delas pode moldar a sua vivência posterior. Como nos diz Frankl: “Sempre e em toda parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores” (2019, p. 91), daí, faz-se importante uma escolha sensata diante do sofrimento, a qual permita alcançar a meta necessária ante o grande desafio de escolher. É evidente que o ser humano tem um grande potencial de alterar um sofrimento em um grande triunfo, simplesmente pela forma que escolhe viver aquela dor, pois “Saber sofrer implica saber viver. Mais: implica muito sofrer” (MOHANA, 1980, p. 12)

Contudo, o homem pode atingir sua plenitude através do sofrimento, ante a forma em que vivencia suas dores e angústias. “A vida humana pode atingir a sua plenitude, não apenas no criar e gozar, senão também no sofrimento” (FRANKL, 2003, p. 149). A vida dá ao ser humano a possibilidade de aprender, arrepender, recomeçar, alegrar, etc., por isso, este contemplar a plenitude, se dá a partir, de um completo viver dos momentos oportunamente dispostos no dia a dia do homem.

3.2 O HOMEM SABE SOFRER?

Tomás de Aquino apresenta na Suma Teológica as cinco vias que alega o reconhecimento de um ser absoluto, estas são princípios fundamentais que afirmam a existência deste ser anteriormente citado. Um destes princípios é o da causalidade, onde demonstra que

toda causa tem um efeito, assim há uma causa “incausada” que causa todas as outras coisas, ora, todo o universo é regido pelo princípio da causalidade. Souza diz que nenhuma pessoa elege o próprio ser, nenhuma pessoa escolhe o jeito de ser no mundo, portanto, “ninguém delibera entre uma vida e outra vida porque a vida a ser vivida está pré-determinado em nexos da causalidade da própria existência de ser” (2016, p. 01), contudo resta o homem a viver os desígnios propostos por esta causa primeira, contendo nestas notas o sofrimento como algo que não pode ser deliberado pelo indivíduo.

O sofrimento tem capacidade de criar no homem um conflito fértil, uma inclinação de revolução, mas para constituir essas notas citadas, o ser humano deve aproveitar o sofrimento. Mohana narra que “O sofrimento, quando aproveitado, é como a cachoeira, que pode tragar o homem, mas pode ser útil ao homem, contanto que o homem saiba aproveitá-la” (1980, p. 18), uma cachoeira contém águas fortes a ponto de tanto bater nas pedras as modificam e algumas até podem mudar pela força das águas; assim também o sofrimento faz no indivíduo, tem a habilidade de mudar a história dele quando sabe-se aproveitá-lo.

Tem-se um entendimento de que o sofrimento é um mal, mesmo que seja, o homem tem a capacidade de tirar mal um bem maior, logo a maneira mais concerne de aproveitar o sofrimento é tirando dele proveitos fertilizadores da natureza humana. Do sofrimento emana o ensino de que pode-se extrair de uma experiência difícil algum bem, que através de trabalhos pesados de garimpos podem se encontrar pedras preciosas, que após uma noite triste o sol nascerá e trará um novo dia, que se pode moldar uma madeira a ponte desta ganhar traços belíssimos de uma escultura, etc., porém, “o materialista odeia ainda o sofrimento, pois não extrai bem nenhum do mal” (Ibid., p. 20), vê somente no mundo material sua única realização e caminho.

Observando esta envergadura do homem, esta resiliência diante do sofrimento, deve-se ele aceitar a si mesmo, e também estas oportunidades angustiantes para melhora de si, ora, assevera João Paulo II: “Tal é o sentido do sofrimento: (...) profundamente humano, porque nele o homem se aceita a si mesmo, com a sua própria humanidade, com a própria dignidade e a própria missão” (2009, p. 30), acolhendo esta sua humanidade resta ao homem encarar a dor de maneira audaciosa como assevera Frankl: “O que importa é a audácia, a coragem de sofrer. Trata-se de aceitar o sofrimento, dizer ‘sim’ ao destino, enfrentá-lo. Somente por esse caminho nos aproximamos da verdade, e não pelos caminhos da fuga e do medo ao sofrimento” (2019, p. 304), através deste caminho o homem cresce.

3.2.1 Aceitação do sofrimento

Ao se deparar com o sofrimento, este dado pelo destino, muitas vezes toma-se atitudes inadequadas para o momento, isso pode de alguma maneira frustrar o indivíduo. O que fazer quando se depara com o sofrimento frente a frente, sem ter para onde correr? O que fazer quando o sofrimento não só bate na porta da sua casa, mas arrebenta a porta com malas prontas para ficar? Não se pode adaptar o destino como afirma Frankl (2015, p. 74): “quando não é mais possível moldar o destino, então se faz necessário ir ao encontro deste destino com a atitude certa”, contudo, mais uma vez é necessário questionar: Qual seria esta atitude certa? Chorar? Desesperar? Fugir? Ou aceitar o que o destino oferta?

Mohana (1980, p. 41) diz que quem encara o sofrimento se torna uma pessoa diferente, seu olhar para vida de renova ante a vida, agregasse vigor a luta do dia a dia, alcança vitórias anteriormente inacessíveis e compreende melhor a vida. Aceitar o sofrimento é procurar superação. Quando se aceita o sofrimento a própria vida nos impulsiona ao ilimitado, como afirma Vergely: “É a vida que nos dá força de sofrer, e não algo que procede do exterior” (2000, p. 15), é uma força que vem do interior da alma, uma força de luta pela mesma vida.

O homem busca sentido em suas ações, criar algo, trabalhar, amar, etc., a vida é marcada por estes itinerários que faz do indivíduo atentar-se para uma meta e lutar por ela. E diante do sofrimento não deve ser diferente, deve-se buscar motivação para vivencia-lo, como assegura Frankl: “Mesmo a uma situação desesperada, que ele enfrenta sem esperanças, atribui um sentido. O que importa é a sua atitude diante de um destino inevitável e imutável” (2019, p. 33), a dor como afirmada anteriormente, está diante do homem e este não pode fugir quando ela chega, a melhor saída é a aceitação de forma enérgica e com valentia. A valentia ante a tribulação da dor é garantida pelo autor supracitado: “quando um homem arrosta um destino perante o qual nada mais pode fazer que aceitá-lo, suportá-lo; tudo está no modo como o suporta (...). Trata-se de atitudes tais como: a valentia no sofrimento, a dignidade na ruína e no malogro” (Ibid., 2003, p. 83).

O sofrimento precisa ser compreendido, para que possa ser aceito, e assim, dar familiaridade a existência, através de experiências vividas com os outros homens. A dor quando aceita traz ao sujeito grande evolução em sua humanidade, encerrar o sofrimento pode trazer purificação como afirma Lavelle: “A dor só pode purificar-nos se for aceita” (2014, p. 85). Existe também outra forma de lidar com o sofrimento que é chamado pela psicanálise de sublimação, que Mohana diz que “é a concentração de todas energias, assim desviando-as para outro campo qualquer de atividade” (1980, p.79).

Com a aceitação do sofrimento pode-se alcançar momentos de deleites na vida humana como assegura Agostinho: “Os próprios prazeres da vida são obtidos, não apenas à custa de sofrimentos fortuitos e inesperados, mas por incômodos previstos e voluntariamente aceitos” (1984, p. 208), alude a isto, a aptidão de não só suportar, como também de superar os sofrimentos, batalhando com todas as forças possíveis para uma edificação do homem integral.

3.2.2 Capacidade do homem de suportar e superar o sofrimento

As situações difíceis proporcionadas pela vida, precisamente as circunstâncias exteriores complexas, como os sofrimentos, oferece ao ser humano uma oportunidade única de superar-se a si mesmo, buscando sem dúvidas um crescimento interior incalculável. O ser humano ao se deparar com o sofrimento deve notar que ele é como uma grande missão objetiva e relativa ao próprio indivíduo, restando somente a ele próprio suportá-lo e superá-lo. Frankl diz que: “Ninguém pode assumir dela o destino, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta esse sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular” (2019, p. 103), resta ao sujeito que sofre aproveitar a melhor forma de vivenciar a dor proposta pela vida.

Mohana afirma que para suportar a dor faz-se necessário três requisitos, estes que faz com que o homem se fortaleça, e aguente vivenciá-lo da melhor forma, a aproveitar o sofrimento que é a “humildade, espírito de sacrifício, sede de perfeição” (1980, p. 67), assim o homem que tem estes princípios como meta consegue ir além da dor, vendo-a de outra forma, como uma batalha a ser superada. O mesmo autor diz que “O homem humilde, no sofrimento escuta, sonda, procura ‘ver’, enxergar longe. Seu interesse é não tanto vencer o sofrimento, mas descobrir a intenção do sofrimento” (Ibid., p. 67), ao desnudar esta intenção primeira da aflição, abre-se aos benefícios que podem ser adquiridos através desta, acrescentando uma nova oportunidade de crescimento interior.

O olhar para a agonia e a atitude a se tomar diante dela, vai demonstrar a forma de vivê-la, boa ou má. Lavelle apresenta que “Admitindo-se que a dor, por si mesma, não seja nada além de uma sensação, é evidente que se é boa ou má pela atitude da consciência diante dela, pelo ato que toma posse dela e, por assim dizer, pela própria maneira como a ‘sofremos’.” (2014, p. 69), se o homem suporta o sofrimento e absorve os benefícios destes, a ele oferecido pela vida, com certeza, o sujeito adquire uma forma moral, espiritual e corporal, como assevera Frankl: “A capacidade de suportar o próprio sofrimento, contudo, não é nada mais do que a

capacidade de realizar o que chamo de valores de atitude (2015, p. 73), é dar um novo valor àquilo que altera a composição natural de forma geral, suportando e buscando superação.

3.2.3 O amor pode causar sofrimento?

Fica um questionamento se o amor pode causar de alguma forma o sofrimento, e a resposta é afirmativa, o amor também causa sofrimento como assegura Lewis ao escrever que “o amor pode causar sofrimento ao seu objeto, mas apenas na suposição de que esse objeto precisa ser alterado a fim de tornar-se inteiramente digno de ser amado” (1986, p. 27), como exemplo pode citar o parto de uma mulher que está à espera de seu bebê e quer logo não somente ser capaz de suporta-lo, tal como superar a dor, para ter aquela criança amada em seus braços para afaga-lo.

O homem caso pudesse escolher não sofrer, logicamente o sujeito escolheria não padecer sofrimento, mesmo que a dor fosse por um grande amor, ou até coisas corriqueiras do dia a dia, como o trabalho, de igual modo, o indivíduo decidiria pode não sofrer, exibe Agostinho, ponderando sobre as provações do homem sobre a terra e as dificuldades do tempo a diurno: “Ordenas aos homens que as suportem, e não que as amem! Ninguém ama aquilo que tolera, ainda que ame suportá-lo; mesmo que se rejubile em tolerar, prefere não ter o que suportar” (1984, p. 296). O ser humano busca meios para afastar-se até de dificuldades pequenas, corriqueiras, mesmo quando esta lhe dê prazer em praticá-las.

Outro exemplo dá-se quando um pai, pela questão financeira não consegue alimento suficiente para toda a família, assim ele deixa de comer para que seus filhos se alimentem, ora, depara-se com o amor aos dependentes e sofre por amar aqueles seus. Que belo e digno sacrifício, porém não justo. Agregando valor a este exemplo, Frankl (2019, p. 253) diz que:

“O ser homem é autenticamente humano na proporção em que se coloca a serviço de uma coisa ou do amor por outrem, pode-se dizer que o homem é verdadeiramente ele mesmo (e, com isso, se realiza) na medida em que na dedicação a uma tarefa ou na afeição a um parceiro esquece-se de si”.

Nota-se a capacidade de doar-se ao outro por amor, isto demonstra que diante do sofrer deve-se dar-se um sentido, para que possa vivenciar a dor, de uma maneira que agregue benefícios a integridade, dignidade e da mesma forma a espiritualidade do homem integral. “Portanto, não é que só o sacrifício da própria vida possa dar sentido à vida; o que ocorre é que a vida até no malogro se pode consumir” (Ibid., 2003, p. 150), assim a vida pode mudar de sentido até mesmo em momento de fracasso.

3.3 DAR SENTIDO AO SOFRIMENTO

Nietzsche diz que “Quem tem por que viver pode suportar quase qualquer como” (apud FRANKL, 2019, p. 129), com isso demonstra que diante das maiores atrocidades do mundo, se o indivíduo tiver um sentido, uma meta, um ideal porque viver, este suporta qualquer sofrimento. A vida é marcada pelo sofrimento. A vida humana é marcada pelo sofrimento, assim deve-se encontrar um sentido para o sofrer como afirma: “A vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar sentido na dor” (FRANKL, 2019, p. 07), não se pode dar um sentido, é como uma tomada a ser encontrada em uma casa desconhecida em um dia escuro, ao encontrá-la logo se acende a luz e assim gerando o novo.

Com o sofrimento é da mesma forma, o sentido deve ser encontrado, como afirma ainda o autor supracitado: “O sentido não pode ser dado, deve ser encontrado. (...) o sentido tem uma origem na subjetividade de quem se submete a essa experiência projetiva e que, por esse meio, se desvenda” (Ibid., p. 30), ao encontrar o sentido dá-se um esclarecimento dos juízos, assim surgindo um novo sentido para continuar a viver.

De igual modo o mesmo autor relata a história de um médico idoso que perde sua esposa e não consegue superar a dor do luto, ficando fortemente deprimido, e vai ao encontro dele para uma consulta em relação ao acontecido, porém, o psiquiatra com um questionamento, faz com que mude o sentido daquele sofrimento, receba um novo significado. Questionado sobre se fosse ao contrário, a morte do senhor médico no lugar da esposa, como ela estaria? Conta-se nos escritos que o senhor responde que ela estaria desesperada, assim toma-se a consciência de que a esposa foi poupada do sofrimento. O sofrimento daquele senhor tomou um novo sentido naquele instante, um sentido de sacrifício, descreve o autor, que o senhor se conscientiza que: “Não podia nem um pouco mudar o destino, mas tinha mudado de atitude!” (Ibid., 2015, p. 76).

O homem é bom para encontrar significado à dor, com base de estudos logoterapêuticos Frankl comprova que o homem é capaz de encontrar um sentido para seu sofrimento, “independentemente de seu sexo, de sua idade, de seu coeficiente de inteligência, de seu grau de formação, de sua estrutura de caráter, de seu ambiente, de que seja ou não religioso, e, em caso afirmativo, da confissão religiosa a que pertença” (2019, p. 95), isso demonstra que todos os seres humanos tem a capacidade de observar o sofrimento e dar a ele uma significação, buscando através disto, suportar e superar a dor que lhe aflige.

Observa que o homem hodierno não se mostra capacitado para dar sentido à vida, neste tempo onde o capitalismo impera, em que dá ao dinheiro maior importância e valor de

felicidade. A segurança financeira dá ao ser humano a oportunidade de viver, e não para que viver, faltando assim uma meta que vale a pena lutar ou sofrer. Referindo-se ao homem, Frankl diz que “É preciso capacitá-la a suportar o sofrimento” (2019, p. 248), como uma educação nova para saber sofrer, saber dar sentido ao sofrimento, buscar um ideal valoroso para aproveitar do sofrimento de maneira a agregar valor à sua humanidade.

Criar uma educação para o sofrimento não quer dizer que o indivíduo agora deve ter prazer no sofrimento como os masoquistas, como afirma Aragão: “ Ter uma educação para o sofrimento não significa ser masoquista ou querer provocar o sofrimento. Significa que não podemos negar que momentos difíceis existem, que virão e que deverão ser “encarados” como desafios, de maneira inteligente e resiliente” (2016, p. 03), criar uma educação para o sofrimento é aceitar as angústias que aparecem, dando a elas um novo sentido, buscando retirar desta dor proveito na melhora do homem como um todo.

Existe um sofrimento do qual não se pode fugir, deve-se encara-lo ou significá-lo, porém o homem de hoje está cristalizado, guardado na proteção hedonista. Frankl diz que “Em relação aos períodos anteriores, o homem está em melhor situação no que tange a privações e tensões, por isso é menos capaz de suportá-las, seu limite de tolerância baixou; o homem desaprendeu a renunciar” (2019, p. 71), no período de grandes crises como as guerras, o sujeito vivencia a dor de forma real, diferentemente de agora, onde uma busca incessante pelo bem-estar físico e social tem levado o ser humano a procurar por si, agonias desnecessárias, porém com benefícios hedonistas.

Diante disto, vem crescendo o número dos sofrimentos desnecessários, dos sofrimentos supérfluos, como exemplo, a cirurgia plástica, onde o paciente se expõe ao risco e também ao sofrimento físico por pura vaidade estética. Assim este sofrimento não pode esperar meritocracia, pois foi procurado por si mesmo. Como afirma Frankl (2015, p. 75): “O sofrimento desnecessário é uma desgraça ‘ordinária’ e não uma ‘nobre’ infelicidade”.

Dar sentido ao sofrimento é descobrir um algo a mais; é como encontrar uma pedra preciosa em meio a vários cascalhos sem valor; é encontrar um ideal que vale a pena; é descobrir a meta. Pois, “Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte” (Ibid., 2019, p. 90), faz-se preciso dar sentido ao sofrimento para vive-lo de forma digna, pois ele acompanha a jornada humana, como afirma Engelhardt: “O sofrimento persiste, mas seu sentido é transformado” (2003, p. 396), no próprio viver em meio a aflição encontra-se este algo a mais para continuar a luta dia a dia.

Mohana apresenta que deve-se impedir os pensamentos fúnebres, pensamentos maus diante do sofrimento, e sim estabelecer pensamentos positivos, nutrir raciocínios realistas, pois a cada pensamento positivo que se tem é como um “movimento de ginástica que aproveita à saúde da alma, dando-lhe belos músculos, robustecendo-a” (1980, p. 94), estes pensamentos são como uma força vital para continuar a viver. De igual modo o autor diz que o homem que soube sofrer, é “regenerado pela dor é benevolente, amigo, condescendente, compreensivo, profundamente compreensivo, e por conseqüência atraente, pacífico, harmonioso” (1980, p. 42). A dor é como uma escola com capacidade de formar o homem, como afirma Vergely: “cabe à dor ser a primeira escola” (2000, p. 45), contudo esta escola tem como missão de fazer o ser humano melhor, faze-lo mais humano, mais resiliente, mais empático com o próximo.

3.4 O SOFRIMENTO FAZ-NOS MAIS HUMANOS

Anteriormente foi citado o sofrimento com o poder de transformar o homem, uma transformação interior, a dor é escola de ensino, a adversidade tem o poder de transformar o mais profundo da humanidade, o sofrimento faz com que o homem seja mais humano, como afirma Mohana: “o sofrimento nos torna ‘humanos’ – divinizando-nos, – ao passo que a ausência completa dele nos desumaniza, – banalizando-nos” (1980, p. 39). De igual modo Souza afirma que um “sofrimento bem vivenciado torna-nos, com certeza, mais humanos” (2016, p. 06). Diante disto, João Paulo II acentua esta largueza de capacidade, em que a dor pode fazer no interior do homem: “Mais do que qualquer outra coisa, o sofrimento é aquilo que abre caminho à graça que transforma as almas humanas” (2009, p. 26), fazendo com que o homem se aperfeiçoe.

Quando se aproveita o sofrimento, quando encontra um novo sentido no sofrer, ele tem esta capacidade de fazer-nos mais humanos. Mohana (1980, p. 28) fala de uma capacidade que o sofrimento tem de ajustar as tendências baixas às tendências altas do homem, assim fazendo com que o sujeito se torne um só, um todo. Assim, pela dor faz crescer o homem novo, e assim o velho fica somente em um canto do coração do indivíduo. É como se a dor tivesse a capacidade de arrancar algo de dentro do sujeito, a ponto de dizer que a dor “é um bem que nos é arrancado: mas é justamente a consciência desse arracamento que escava nosso ser interior e, ao despojá-lo do que ele tem, o mergulha no que ele é; que, ao lhe revelar o sentido do que ele perdeu, lhe dá infinitamente mais” (LAVELLE, 2014, p. 80), lhe dá mais humanidade, mais capacidade de compaixão, de empatia, etc.

O sofrimento tem como potencialidade a formação de pessoas grandes, resilientes, vivaz diante das adversidades, Mohana diz que “o sofrimento tem formado muitas vidas grandes, muitos espíritos robustos, inclusive os santos e os gênios” (1980, p. 18). De igual modo, pode-se afirmar que o sofrer torna o homem mais poderoso, diante da próxima dificuldade, ele já observando a sua anterior superação, vive com mais vigor o novo sofrer, como ajeita Frankl: “É claro que no sofrimento amadurecemos e crescemos: o sofrimento torna-nos mais ricos e poderosos” (2003, p. 153), resta somente ao indivíduo que sofre, saber aproveitar de melhor maneira a dor atual.

Mohana assevera que o sofrimento empurra o homem para o progresso (1980, p. 40), para um crescimento interior, uma evolução na sua humanidade, e como característica apresenta a largueza de coração, a tolerância com os que erram, a consciência profunda da significação de suas experiências vividas (Ibid., p. 42), elas dão ao homem uma melhora exponencial, ante as adversidades do viver. Por isso, faz-se necessário que para uma crescente na humanidade, o homem deva ter um ideal que o motive, assim afirma o mesmo autor se “construirmos um ideal e cuidadosamente nos prepararmos para atingi-lo, não há dúvida de que qualquer sofrimento, hercúleo ou minúsculo, só fará aproximar-nos mais dele, pois é um exercício que nos tornará moralmente fortes” (Ibid., p. 73), ora, impelindo o indivíduo para o desenvolvimento de sua humanidade.

As adversidades exteriores difíceis, tem como habilidade fazer com que o homem cresça em humanidade, e ainda, fazer com que se supere a si mesmo. Aragão (2016, p. 03) diz que através de um sofrimento bem vivenciado o homem se humaniza e torna-se mais receptivo aos outros, pois pelo sofrer cria-se a capacidade de empatia. Lavelle ressalta que somente “o arrependimento é um sofrimento que nos transforma, um sofrimento que está na origem de todo recomeço, de todo renascimento” (2014, p. 86), o sofrimento faz com que o homem amadureça.

3.4.1 Maturidade advinda pelo sofrimento

A maturidade é um processo de desenvolvimento do ser humano; é um processo de aprendizado; é um processo de vivências cotidianas ao tempo, dado a partir do nascimento de qualquer indivíduo. Este processo é semelhante às frutas que precisam de um tempo certo para crescimento até o amadurecimento, porém o ser humano deve com as oportunidades da vida, buscar aprendizado e este crescimento, não é diferente diante do sofrimento. Todos os seres humanos têm potencial para amadurecer diante da dor como afirma Souza: “O sofrimento é um

processo de amadurecimento em que todos irão passar, você não está imune de sofrimentos, aliás ninguém está” (2016, p. 08)

Vivências dolorosas nem sempre significa uma vida sem sentido, pelo contrário, Frankl (2003, p.150) escreve que na dor pode-se amadurecer, nesta mesma pode-se crescer, basta saber aproveitar do sofrimento para novas oportunidades da vida. Como exemplo, relações amorosas que causam sofrimento ao término, pode-se chorar a vida inteira um erro cometido no relacionamento, ou, aprender com o erro e buscar ser melhor ao se relacionar com aquela pessoa ou até em uma outra oportunidade.

Frankl (2019, p. 302) diz que a maturação implica ao sujeito uma liberdade interior, independentemente da sua dependência exterior. Com isso, circunstâncias extraordinárias propiciam ao sujeito a obter a maturidade. De igual modo apresenta que “Sofrer significa agir e significa crescer. Significa igualmente amadurecer. (...) Sim, o verdadeiro produto do sofrimento é, afinal de contas, um processo de maturidade” (Ibid.). O sofrer é sem dúvida a escola do amadurecimento humano, tornando o ser homem mais primoroso, perante das desventuras corriqueiras.

O ser humano, no momento de dificuldade, somente pensa em afastar-se da dor, mas ao olhar para o passado, é capaz de perceber que foram as próprias angústias vividas que foram decisivas em seu processo de amadurecimento interior. Foi as dores segundo Lavelle que o homem pôde extrair, ante o mundo terrestre, os ensinamentos mais essenciais (2014, p. 76), é ante a dor que o homem cresce, transcende, assim oferecendo o que Frankl fala de: “dar testemunho da mais humana de todas as aptidões, a saber, a capacidade que o homem tem de converter uma tragédia pessoal em um triunfo” (2019, p. 94), em converter a aflição em auto realização do indivíduo.

3.4.2 Auto realização pelo meio do sofrimento

A auto realização se dá através do agir humano segundo sua própria natureza, fazer o que deve ser feito, aceitar o sofrimento, encontrar um significado, crescer em maturidade, etc., esses pontos são constituintes da natureza humana. Rohden diz que: “Se o homem faz o que pode e deve, ele se realiza, faz a sua realização existencial; mas, quando o homem não faz o que pode e deve, sucumbe ele à sua frustração existencial” (1980, p. 73), assim, aceitar o sofrimento é aprender com ele, o homem está fazendo o que pode e deve, segundo as oportunidades postas diante de sua existência. Contudo, o homem deve atualizar suas

potencialidades para alcançar a realização, e não qualquer realização, mas dentro de uma ótica aristotélica de auto realização a partir das virtudes humanas.

A auto realização aristotélica, narrado no livro *Ética à Nicômaco* de Aristóteles, é garantida quando o homem se auto realiza nas virtudes, daí ele encontra a felicidade. O autor supracitado diz que: “O sentido da vida do homem é a sua auto-realização. E essa realização supõe, acima de tudo, o conhecimento da verdadeira natureza do homem” (Ibid., p. 71), portanto, ao colocar a auto realização como a felicidade, pode-se dizer que o sentido da vida humana está nesta concretização, por meio, das virtudes potenciais intrínsecas na sua natureza.

Quando o sujeito que sofre consegue dar sentido à sua dor, a realização dá-se de forma natural ao passar por aquela aflição, como afirma Frankl: “No que tange à autorealização, não hesito em afirmar que somente é conseguida na medida em que o sentido é realizado” (2019, p. 23), um sentido, um ideal, uma meta faz com que o indivíduo restaure suas forças para suportar e superar aquela tribulação, como assegura o mesmo autor: “manter sempre presente o sentido não só faz feliz o homem mas o torna também apto a suportar o sofrimento” (Ibid., p. 87)

Sem dúvidas suportar e superar o sofrimento dá ao homem uma realização, somente um “autêntico suportar como este temos uma realização, só este sofrimento de todo em todo inevitável é sofrimento pleno de sentido” (Ibid., 2003, p. 155), o mesmo autor prossegue citando como exemplo, três escoteiros ingleses, que foram condecorados com uma premiação, pela bravura e coragem em que cada um suportou uma doença incurável, com isso, o sofrimento foi reconhecido como realização. Realização para os três escoteiros, e também para todos que os conheciam, pela bravura e constante tranquilidade que permaneceram da dor.

Agostinho diz que uma “grande felicidade é precedida sempre de um grande sofrimento” (1984, p. 208), ante esta afirmação, pode-se entender que há situações em que o homem só se realiza através do sofrimento, porém não através do masoquismo ou sadismo, mas uma dor digna de honra. Como exemplo: um atleta de maratona corre prepara-se por vários meses para uma maratona, os treinos são puxados e muitas dores tomam conta de seu corpo, porém, determinado ele suporta a dor e insiste em seu treinamento, no dia da maratona, um sol muito quente o faz desidratar e seu corpo dói, mas com garra ele continua aquela corrida até o final e vence. A vitória é uma grande realização, mesmo em meio a grandes dores suportadas.

Viktor Frankl (2019, p. 61) ao citar Charlotte Bühler relata sobre a teoria da auto realização da psicanálise e expõe o seguinte texto: “A teoria da autorrealização considera que a meta da existência é o desdobramento das melhores possibilidades a fim de conseguir a completa satisfação do próprio indivíduo”, assim contrapondo a filosofia cristã, onde através do sofrimento, e não satisfação, o indivíduo pode se realizar, quando dá-se um sentido ao sofrer.

Tendo em vista que a busca constante de uma satisfação do prazer, ou até a fuga do sofrimento não agrega valor ao ser humano, como aquele que encara o sofrimento com vigor e disposição, assim aceitando e aproveitado as circunstâncias que a vida lhe proporciona. O homem é um ser que incessantemente está à procura do ser transcendente, diante disto existem várias filosofias de religiões, estas que levam aos homens a esta procura deste ser que o transcende.

4. O HOMEM RELIGIOSO SOFRE

4.1 O HOMEM TRANCENDENTE

O ser humano se depara com a realidade da existência somente quando toma consciência de si, a autoconsciência afirma-se nas palavras de Sheen (1960, p. 231) ao dizer que o ser humano não é só um ente natural, como os outros animais, mas se houvesse outras razões fortes, bastava a autoconsciência para assegurar esta diferença. Porém, sabe-se que tomar consciência de si leva algum tempo, ao nascer primeiro começa a ter uma experiência com o outro, têm contado com a mãe, o pai, avós, etc., assim, observando o outro inicialmente. Não obstante, ele já é um ser existente; o homem “é o ser-no-mundo, que se relaciona com outros homens e se sente interpelado pelo absoluto” (LUCAS, 2005, p. 139), contudo, o homem se percebe diante dos outros, porém, com tendência a buscar o ser transcendente. Deste modo, Lucas diz que “A filosofia do século XX acentuou a dimensão intersubjetiva do homem” (Ibid.) através de filósofos como Heidegger, Ortega y Gasset, etc., acerrar-se esta dimensão que faz com que ele esteja aberto ao absoluto.

Frankl afina que a “existência humana caracteriza-se pelo fato de transcender a si mesma” (2019, p. 66), buscar o preenchimento daquela lacuna que sempre existe para a completude. A pessoa humana está aberta ao absoluto, e nesta procura existe composições no homem que asseguram esta observação como afirma Lucas (2005, p. 157): “A estrutura mesma do homem, inteligente e livre, oferece-nos a oportunidade de afirmar o caráter absoluto da pessoa, porque a mesma inteligência e vontade estão em si mesmos abertas ao Absoluto”. E assim, o autor continua a explicação: “A inteligência está aberta ao Absoluto porque capta o ser enquanto ser; capta o finito no horizonte do infinito e tem um desejo infinito de conhecer. (...) o mesmo deve dizer-se da vontade humana”. O autor demonstra que a vontade humana traz uma abertura infinita no sentido de que sempre está em busca de algo a ser alcançado, não se contenta, a ponto de sempre procurar um bem sempre novo e maior. Os homens são seres insatisfeitos, estão sempre à procura deste algo a mais, assim sua satisfação está no gozo do bem ilimitado e absoluto.

O mesmo autor assevera que a “transcendência é a estrutura fundamental do homem, e esta estrutura, que se afirma implicitamente em todo conhecimento e ação humana, é o que em uma palavra se chama espiritualidade” (Ibid., p. 167), o homem é um ser espiritual, e procura no absoluto a fonte de sua espiritualidade. Deste modo, continua o autor supracitado, confirma esta procura dizendo: “Transcendência é o movimento com o qual o homem se supera

continuamente a si mesmo; este movimento tem uma direção e aponta para uma meta: o Absoluto” (Ibid.). Frankl assegura esta transcendência do homem quando diz: “O homem, de fato, está sempre orientado para algo que o transcende, seja um sentido a realizar, seja uma pessoa a encontrar. (...) A transcendência de si mesmo constitui, assim, a essência da existência humana” (2019, p. 21).

Tepe exhibe que: “hoje em dia, aumenta, sempre mais, o número de psicoterapeutas que admitem a espiritualidade como elemento constitutivo da natureza humana” (1983, p. 10), por isso, afirma-se que o homem além de instintos possui espiritualidade, e diante do sofrimento a capacidade espiritual do ser humano abre-se a investigação pelo transcendental. Ora, Vergely afirma que “Existe na vida uma parte infinita que faz valer a pena viver e sofrer” (2000, p. 15), esta parte infinita é o Ser Absoluto. Contudo, João Paulo II diz que o “sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, ‘destinado’ a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo” (2009, p. 02), assim, o homem deve encontrar no Absoluto, em sua espiritualidade, um desígnio intenso para o sofrimento, este desígnio molda a vida de forma total.

O homem se assemelha em algumas funções aos animais, porém, a transcendência é constitutiva somente à espécie humana, está imanente na natureza racional. Assim, afirma Sheen: “A transcendência é uma superioridade de tal natureza, que constitui exceção às leis comuns da atividade humana, pelo que implica em uma causa superior” (1960, p. 228). Nesta busca ao Ser Absoluto, nesta busca ao transcendente, surge em vários povos uma forma de culto, surge a filosofia das religiões, abrangendo várias etnias, nações e culturas.

4.2 A FILOSOFIA DA RELIGIÃO

4.2.1 A filosofia e o sofrimento

Pode-se dizer que a filosofia é a forma de pensar, uma forma de viver de um povo. Etimologicamente, filosofia é uma palavra de origem grega que significa literalmente amigo da sabedoria (*Philo + Sophia*), é uma ciência que almeja conhecer as coisas por suas causas, as mais universais, isto é, as causas primeiras de todas as coisas.

A filosofia é verdadeiramente uma ciência universal, e o é enquanto tende a conhecer os primeiros princípios. A filosofia apela unicamente às luzes da razão. Seu critério de verdade é a evidência de seu objeto, esses elementos são as coisas existentes no mundo e o homem. Bonehner (1985, p. 13) diz que toda “filosofia tem seu ponto de partida no homem; apela

principalmente ao seu intelecto, e trata de noções e problemas puramente naturais”, e continua garantindo que seu objeto é “proporcionar uma interpretação racional do mundo, da natureza, da sociedade, do homem e de sua vida interior, a fim de torná-lo verdadeiramente sábio e orientá-lo para a consecução de sua meta natural”.

Sheen expõe que o homem é colocado pela filosofia de forma separada, com Descartes separa-se o homem de Deus com base na racionalidade; com Rousseau separa-se o homem da comunidade; e com Kant separa-se o homem de Deus com base de moralidade, assim afirma: “O Homem de que trata hoje a filosofia não é aquêlo idolatrado pela Renascença, (...) É, antes, o Homem isolado de si mesmo, da comunidade e de Deus” (1960, p. 319).

Existe grande diferença da filosofia Ocidental quanto a Oriental, cada uma tem seu jeito próprio de entender a vida, perceber o homem, contemplar o Ser Transcendente, e logicamente o jeito de perceber a dor como afirma Gusman (et al., 1997, p.15): “A percepção e o significado da dor enquanto experiência universal do ser humano também é modulada pela cultura”, ante a percepção histórica no decorrer dos anos, em relação do oriente com o ocidente, compreendesse que estes são “quase opostos ou aparentemente contraditórios - de construir um saber sobre a vida, o de ser e das prescrições para uma vida melhor”, dá-se pela subjetividade do homem diante de sua vivência cotidiana em diferentes formas de pensar. Não obstante, as filosofias que surgiram em todo o mundo, demonstram que cada uma tem sua concepção individual de ver o mundo, o homem e de igual modo o sofrimento.

Segundo Mohana (1980, p. 21) os materialistas não suportam a dor, se não por obrigação, quando esta dor é muito forte, ele acaba com ela com um tiro na cabeça; os pragmáticos procuram sempre meios para livrar-se da dor, se ela demora ele fraqueja; os espiritualistas entendem a linguagem misteriosa do sofrimento e tenta de várias formas achar razão para ele. O mesmo autor exemplifica através de três correntes filosóficas como lidam com o sofrimento: os estoicos que se submetem como um morto; os budistas aceitam-na com tristeza; os cristãos encaram-na com coragem, confiança e até alguns com alegria.

Para o autor existem também aqueles que sofrem sem auxílio de nenhuma religião e assim diz: “Vamos encontrar também na base do sofrimento humano um povo sem vida religiosa, completamente ignorante, ou materializado, desconhecendo a existência desse notável e profundo alento da alma humana que sofre – a religião” (Ibid., p. 26), a religião para muitos é tida como esperança de realização pelo Ser Transcendente e Absoluto, ao qual é buscado em várias culturas.

4.2.2 A religião

O homem por natureza é religioso, esta afirmação é confirmada na história que em diversos povos, tempos e lugares, depara-se com o elemento religioso. Wilges diz que: “O fenômeno religioso é universal; o homem é um ser religioso. Ou crê em Deus ou em ídolos, que para si fabrica” (1983, p. 10), e assim prossegue dizendo que o fenômeno religioso provém “da natureza humana, mas esta deve sua existência ao Ser Supremo. Logo, o fundamento último do fenômeno religioso é Deus mesmo” (Ibid., p. 19). Dado a universalidade da religião faz-se necessário uma explicação do que seja. Segundo Marchon a “religião vem do latim *religio* (*religare*) e quer dizer ‘o que liga’, cada uma propõe um caminho para ligar a vida com a morte, o visível com o invisível e se aproximar do que se chama de Deus” (1995, p. 04), ou como relatado anteriormente, o Ser Transcendente, o Absoluto.

Para Wilges existe um sentido objetivo e outro subjetivo da religião, assim afirma: “Em Sentido real Objetivo, religião é o conjunto de crenças, leis e ritos que visam um poder que o homem, atualmente, considera Supremo, do qual se julga dependente, com o qual pode entrar em relação pessoal e do qual pode obter favores” (1983, p. 10), assim, este contato com o Ser Absoluto dá-se indiretamente por meio de dependência e interesse; contudo continua o autor: “Em sentido real Subjetivo, religião é o reconhecimento pelo homem de sua dependência a um Ser Supremo pessoal, pela aceitação de várias crenças e observância de várias leis e ritos atinentes a este Ser” (Ibid., p. 11), logo, a religião deve estar ligada ao Ser Superior cultuado, por aqueles que a praticam.

O mesmo autor (Ibid.) apresenta elementos constitutivos da religião que são: a doutrina é a crença da religião, o dogma em que aquele povo acredita, e são passados de geração em geração por meio dos antepassados de forma oral ou por escritos; os ritos são as cerimônias, são estruturas visíveis, sensíveis dos quais um povo partilha; a ética são as leis, que são dadas pela doutrina, ensinando o que é errado e também o bom, dentro daquela visão dogmática; e também apresenta que toda religião acercar-se a formar uma comunidade, onde um povo convencido daquela crença busca a viver os ritos unidos aos outros, como estirpe partilhando a fé professada.

De igual modo, é exposto por ele (Ibid., p. 12) a existência de algumas formas religiosas como: o teísmo “o sujeito dos atributos divinos é distinto dos outros seres e pertence à ordem transcendental. Esse ser é criador do mundo e a sua causa vivificante”, ele pode ser dividido em monoteísmo que é a crença em um único Deus, em politeísmo que é a crença em vários deuses e o henoteísmo é a crença em um deus supremo e existência de outros deuses; o

deísmo “o sujeito dos atributos divinos é um Deus de atributos morais e intelectuais. É um Deus que não intervém na criação”; o ateísmo que se objeta contra o teísmo, não acreditando na existência de deus; e por último o panteísmo afirmando que “Tudo é Deus: O universo, a natureza e Deus são idênticos”. Ainda existe o animismo⁷, magismo⁸, manismo⁹ e totemismo¹⁰.

Perante o estudo de várias religiões, observa-se que existe alguns grandes problemas que tem suas explicações, de alguma forma elucidadas pelas crenças. Os grandes problemas são apresentados por Sheen (1960, p. 229) que são o pecado, o erro, a dor e a morte, onde afirma que a religião perfeita deve tratar deles de maneira independente. Assevera que buscando na história, várias teorias religiosas tratam somente alguns deles, excluído outros, exceto o cristianismo, que aplica-se tratar de todos em caráter completo, a ponto de um proceder do outro. Portanto, o autor avança asseverando que o cristianismo em sua síntese, “a dor e o erro são resultantes do pecado. O pecado pode ser vencido pela morte e, através da morte, a personalidade atinge sua perfeição nAquele que é o Modêlo e a Causa da Redenção” (Ibid., p.230).

Assim fica claro, quando, cada “homem tem uma atitude diferente na dor, e essa atitude depende, em grande parte, de sua concepção moral e religiosa da vida” (Mohana, 1980, p. 21), ante cada religiosidade o ser humano vive o sofrimento de uma maneira. A cultura religiosa e seus costumes, de alguma forma moldaram o homem a suportar ou reprimir aquilo que o faz sofrer tanto no corpo, quanto na alma.

4.2.3 Religiões tradicionais

Benoit Marchon apresenta em sua obra “*As grandes religiões do mundo*”, informações em que expressa que são seis as mais conhecidas e tradicionais religiões do mundo, que são: o animismo, o hinduísmo, o judaísmo, o budismo, o islamismo e o cristianismo. Ora, com isso, utilizaremos esta percepção do autor para apresentar estas crenças, e alguns princípios referentes a estas práticas.

⁷ Animismo “é mais crença, mentalidade, idéia do que doutrina elaborada. Enxerga, por detrás dos objetos sensíveis, uma vida: alma, psique ou espírito, capaz de entrar em relações diretas, em certos casos e sob certas condições, com o homem”. (WILGES, 1983, p. 12)

⁸ Magismo “crença numa certa força ou num poder oculto, mas impessoal, que excede às forças naturais, de que certos homens se apropriar e produzir, assim, efeitos extraordinários”. (Ibid., p. 13)

⁹ Manismo “culto às almas de defuntos, como oferecimentos de sacrificios”. (Ibid.)

¹⁰ Totemismo “crê-se que há um parentesco entre o clã e uma espécie animal ou vegetal. Julgam-se, por exemplo, descendentes da união de um urso com uma mulher. Então o nome do seu totem vai ser urso. Este torna-se um animal sagrado”. (Ibid.)

4.2.3.1 Animismo

Marchon expõe a religião chamada de animismo, esta surgiu na África em Uganda, acreditam em um criador do mundo chamado Ruhanga, que fica longe de suas criações, porém existem espíritos que animam o mundo, e estes estão perto. Os espíritos protegem a saúde e a boa colheita. Sua doutrina foi transmitida de forma oral, assim não existindo nenhum livro sagrado. O animismo é uma religião primitiva, e dentro dela estão religiões como o vodu, candomblé e a umbanda.

O sofrimento se dá como consequência de atitudes más, conforme cada um procede, assim relata o autor: “se fomos maus, podem castigar-nos provocando catástrofes, enviando doenças, etc.” (1995, p.06). Wilges discorrendo sobre o animismo diz que “Não é, necessariamente, uma religião. É uma tentativa de explicação dos fenômenos da natureza. Mas pode ser religião quando leva o homem ao culto de adoração” (1983, p. 12).

4.2.3.2 Hinduísmo

O hinduísmo é exibido por Marchon (1995, p. 120) como uma religião que surge na Ásia na Índia, acreditam que existem milhares de deuses, entretanto os mais conhecidos são Brahma, Vishnu e Xiva. Acreditam em reencarnação, e esta pode se dar em um corpo de um homem ou de mulher, ou ainda pode-se reencarnar em um corpo de um animal. Quando a pessoa tem uma vida boa na terra, a alma volta em um corpo humano, assim mais próximo do Ser. Se a vida foi má, a alma deste viverá em uma vida infeliz, assim o sofrimento é decorrência de sua vida passada má.

Sheen diz que o “hinduísmo tem três doutrinas: a da transmigração das almas; a do Carma, ou Trabalhos; e a doutrina da Libertação, pela qual a alma contempla Brahma e identifica-se e integra-se nêle, ficando assim livre da transmigração, ou trabalho” (1960, p. 229)

4.2.3.3 Judaísmo

O judaísmo é uma das religiões mais antigas do mundo, segundo Marchon (1995, p. 20), iniciou em Abraão, quando ele se fixou na terra de Canaã, hoje Israel, afirmava a existência de somente um Deus presente em toda história, onde será enviado por ele um Messias, que trará paz e justiça. Uma religião marcada por sacrifícios, o mais conhecido Sabbath em que toda família jejuava e se abstém de trabalhos, dedicando-se somente a oração, a lei seguida foi dada

por Deus a Moisés, este que libertou o povo do grande sofrimento na terra do Egito, quando eram escravos.

4.2.3.4 Budismo

O autor supracitado assegura que o budismo não traz um Deus, e sim seguem o modelo do príncipe Sidarta Gautama, conhecido como Buda, que quer dizer Despertado, nascido na Índia. Tem-se como principal ensinamento “que a vida é um sofrimento que vem do desejo de possuir. Para alcançar a paz é importante suprimir todo desejo egoísta levando uma vida sem violência” (Ibid., p. 28).

O budismo tem origem no hinduísmo como apresenta Sheen (1960, p. 229), ao dizer que Gautama ao notar que seus mestres hindus traziam um esgotamento no saber, e ele próprio vivenciado o sofrimento, formulou quatro verdades que é a estrutura doutrinal do budismo. Assim, apresenta o mesmo autor como a primeira verdade é que “tôda existência pessoal está sujeita ao sofrimento”; a segunda diz que “todo sofrimento é devido ao desejo”; a terceira colocação apresenta que “o meio de afastar o sofrimento é afastar o desejo”; e por fim, assegura que “o desejo só pode ser afastado quando se percorre a nobre via que se compõe de oito caminhos. Assim, atinge-se o Nirvana”.

Sobre o budismo pode-se dizer que é a religião que mais trata sobre o tema sofrimento, destarte, Rohden expõe os fundamentos do budismo quanto ao sofrimento ao dizer que a “vida humana é essencialmente sofrimento, a causa deste sofrimento universal é a ilusão em que o homem vive sobre si mesmo”, logo, reafirma que a vida do homem é marcada pelo sofrimento. Assim continua o autor: “com a transformação da ilusão em verdade sobre si mesmo, termina a culpa do sofrimento, o meio para o conhecimento da verdade é a profunda meditação sobre si mesmo” (1980, p. 72).

4.2.3.5 Islamismo

O Islã, conforme Marcron (1995, p. 40), crê em um Deus Único, Todo Poderoso, Misericordioso chamado Alá. Para eles existe um profeta ao qual Alá revelou sua mensagem, este profeta é conhecido como Muhammad (Maomé), que nasceu em Meca na Arábia. Nesta religião tem-se Abraão, Moisés e Jesus como profetas, menos influentes que Maomé. Com fé bem radical rezam todos os dias cinco vezes; e durante o Ramadã, uma vez por ano, um mês inteiro os adultos são obrigados a fazer jejum e sacrifícios, afim de se purificarem. Existem

cinco pilares da fé islâmica que são: profissão de fé, oração, jejum, esmola e peregrinação à meca ao menos uma vez na vida.

J. Hashmi em seu artigo “*Lidando com o sofrimento no Islã*”, postado no site *The Religion of Islam*, demonstra claramente a vivência do sofrimento na religião Islâmica quando diz:

“A perspectiva islâmica é que Deus faz com que coisas "ruins" aconteçam de modo a alcançar um bem maior. Deus aflige Seus servos com sofrimento para moldá-los no tipo de pessoas que Ele quer que sejam. Por meio do sofrimento os humanos podem desenvolver qualidades duradouras: perseverança e paciência diante de grande adversidade e também maior humildade e mansidão. O mais importante é que o sofrimento faz as pessoas se voltarem para Deus em busca de ajuda e estabelece e diferencia os verdadeiros crentes dos falsos” (J. HASHMI, 2015 , p. 02)

O Islã trata o sofrimento de maneira fatalista, ele existe no mundo e é causado pelos entes maus, porém, este sofrer se dá por permissão de Alá, onde determina todos os acontecimentos, tanto bons, quanto ruins. Assim, o sofrimento é permitido por Alá para que o ser humano o busque. De igual modo, o autor supracitado afirma: “Então Deus nos aflige com testes e tribulações para que nos voltemos para Ele e busquemos Sua Graça” (Ibid., p. 03).

O mesmo autor afirma que “o sofrimento não é necessariamente uma coisa ruim e que e prosperidade não é necessariamente uma coisa boa” (Ibid., p. 02), e assim prossegue: “vemos que Deus faz coisas ruins acontecerem a pessoas boas para que um bem maior venha a elas em longo prazo” (Ibid., p. 03). Fica claro para o Islã que o sofrimento é algo corriqueiro na vida humana, assim o sujeito não consegue fugir dele, porém, deve aceita-lo e aproveitá-lo.

4.3 FILOSOFIA DO SOFRIMENTO NA RELIGIÃO CRISTÃ

O surgimento do cristianismo veio por meio dos seguidores de Jesus Cristo, que promoviam sua mensagem com base no amor, não dentro de uma estrutura filosófica em si, mas atrelada a uma religião. Boehner diz que sua “primeira manifestação exterior liga-se a uma série de fatos históricos” (1985, p. 12), e muito diferente de outras religiões. Sheen (1960, p. 230) narra o surgimento do cristianismo com início na criação do primeiro homem feito à imagem e semelhança de Deus, dotado de inteligência e vontade, uma criatura que depende do Criador.

A liberdade faz com que o ser humano viva independente de seu Criador, esboça que é um paradoxo o homem ser independente por ser dependente, contudo a real liberdade está na escolha de submeter-se a Deus ou não. Após grande período vivido na história do mundo, Jesus Cristo, filho do Pai, se encarnou no seio de uma virgem e se fez homem, viveu como homem,

exceto no pecado, ensinou seus discípulos, e morreu na cruz para salvação de toda humanidade, e ressuscitou após três dias. Os discípulos de Cristo continuaram o anúncio de seus ensinamentos, assim surgiu a religião cristã.

Boehner relata que toda filosofia criada por cristãos convictos é uma filosofia cristã, e assim expõe que: “distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais, e não obstante vê na revelação cristã um auxílio valioso, e até certo ponto mesmo moralmente necessário para a razão” (1985, p. 09), mostra que a fé está ligada com a ciência auxiliando o crescimento racional do ser humano. Contudo, o autor continua: “Por outro lado, a doutrina cristã oferece numerosos pontos de partida para o aprofundamento racional das verdades da fé” (Ibid., p. 14), afirmando uma união que agrega valor à razão. O escritor prossegue afirmando que as verdades religiosas têm como procedência várias doutrinas filosóficas, ocasionadas por várias gerações de pensadores com capacidade extraordinária, de grande conteúdo filosófico.

Não obstante, o grande exemplo do cristianismo teve ao final de sua trajetória terrena a vida marcada pelo sofrimento, também em seus ensinamentos, teve de igual modo, uma orientação relacionada ao sofrer, como traceja Sheen: “Nenhuma religião, exceto o cristianismo, consegue dar sentido não só às alegrias da vida, como também às tristezas” (1960, p. 232). Um grande sofrimento Cristo passou, morrendo inocentemente em uma cruz, porém esta entrega trouxe significação a história humana, com a morte, Jesus nos trouxe a salvação e a abertura a uma possibilidade de alcançar o céu.

Portanto, a filosofia cristã é marcada pelo sofrimento, pois é uma realidade humana. Sabendo disto, João Paulo II diz que o “sofrimento constitui também um chamamento a manifestar a grandeza moral do homem, a sua maturidade espiritual” (2009, p. 19), prova disto, foram os mártires que entregaram seu corpo ao sofrimento pela esperança da salvação da alma. Esta corrente filosófica vê o sofrimento como virtude, caminho para a perfeição. E continua o mesmo autor (Ibid., p. 20): “No sofrimento está como que contido um particular apelo à virtude que o homem por seu turno deve exercitar”, está contido na doutrina do cristão, no aperfeiçoar-se pela religião. E prossegue: “Ao proceder assim, o homem dá livre curso à esperança, que mantém em si a convicção de que o sofrimento não prevalecerá sobre ele, nem o privará da dignidade própria do homem, que anda unida à consciência do sentido da vida”.

Em alguns casos, o sofrimento traz transformação, traz uma verdadeira *metanóia* (conversão), traz vida nova. A filosofia cristã do sofrimento tem como faculdade tornar o homem velho em novo, compreendendo que o “fruto de semelhante conversão é não apenas o

facto de que o homem descobre o sentido salvífico do sofrimento, mas sobretudo que no sofrimento ele se torna um homem totalmente novo” (Ibid., p. 24).

Não se deve esquecer o escrito doutrinal da religião cristã, e também, “a importância decisiva de um livro que marca o ponto de partida para todo desenvolvimento doutrinário cristão; este livro é a Sagrada Escritura¹¹” (BOEHNER, 1985, p. 12). O cristianismo contém em sua doutrina a Sagrada Escritura como pilar, tem-se nela vários relatos de sofrimentos, bem como, ensinamentos aos quais foram transmitidos ao longo dos tempos. Dentre eles, são relatos em toda composição da escritura desde o início até o final. Jó foi um belo exemplo de homem que suportou o sofrimento com um sentido sobre-humano, assim, afirmando que o sofrimento está presente em toda vida humana, bem como no próprio Deus que se fez homem.

4.3.1 Jesus Cristo sofredor

Na Sagrada Escritura, Paulo e Timóteo escrevem ao povo de Filipos, assim exibindo a natureza sofredora de Jesus ao escrever: “Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo”, Cristo sendo Deus não deveria morrer, porque a morte é punição do pecado, e tem o direito de viver eternamente, a eternidade é atributo divino, ora, Ele escolhe morrer. Assim prossegue o autor: “Tornando semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz” (Filipenses 2, 6-8), não obstante díspar em seu modo de ser, Cristo participou da natureza humana comum a todos, e para salvar a humanidade, foi obediente, sofreu a morte, e morte de cruz.

Portanto, encerra-se em Cristo o modelo de sofredor, como nos aponta Tepe: “Cristo é o modelo último de perfeição cristã para todos os homens” (1983, p. 09), onde todos os homens devem assemelhar-se a Jesus, tirando de um grande mal, do sofrimento um bem maior, dando sentido ao sofrer, um sentido natural, porém de igual modo, sobrenatural. Cristo retira de um grande mal, o maior bem ao homem, a salvação, como assegura João Paulo II: “O sofrimento é, em si mesmo, experimentar o mal; mas Cristo fez dele a base mais sólida do bem definitivo, ou seja, do bem da salvação eterna” (2009, p. 25), com os sofrimentos do Senhor, o ser humano tornou-se capaz de alcançar a eternidade.

¹¹ Atos dos Apóstolos 14,22; 1Pd 2,19-21; Salmo 126(125), 5-6; Colossenses 1, 24; Salmo 89(90) 10+15; Baruc 4, 28-29; Salmo 115(116B), 10; Romanos 8, 22-23; Jó 1, 21; 2, 10b; Hebreus 2, 9b-10; Romanos 12, 12; etc.

Na mensagem de Jesus, ele ensina que o sofrimento tem como capacidade tornar o homem mais forte ante a vida cotidiana, como assegura Mohana: “Jesus Cristo precisava dizer com atos (e disse), ensinar com ação (e ensinou) que a dor valoriza, que o sofrimento torna forte o homem” (1980, p. 34). Contudo, as palavras do Cristo foram sempre marcadas de maneira simples e clara, que o homem diante do sofrimento deve aproveitá-lo, suportá-lo e retirar dele um proveito oportuno, mesmo quando este mal lhe faz tremer, como assevera João Paulo II: “o sofrimento consiste em suportar o mal, diante do qual o homem estremece” (2009, p. 15). O mesmo autor afirma que o evangelho do sofrimento anunciado por Cristo constitui “a revelação da força salvífica e do significado salvífico do sofrimento na missão messiânica de Cristo e, em seguida, na missão e na vocação da Igreja” (Ibid., p. 23).

4.3.2 Ascese Cristã ante o sofrimento

A filosofia cristã está baseada na ascese que deve ser feita através do conhecimento e aceitação do sofrimento, “Conhecer e aceitar. ‘Não se pode transformar o que não se aceita’” (Tepe, 1983, p. 09), a aceitação dos acontecimentos legítimos existentes na vida humana, é uma ascese, da qual o sujeito, por meio desta, busca a perfeição. O autor supracitado (Ibid., p. 09) esclarece que a ascese cristã leva o ser humano a uma diligência fiel a perfeição, sendo esta a meta estabelecida pelo Ser Supremo.

A ascese faz com que o homem se aproxime do Ser Transcendente, aperfeiçoando a própria natureza humana, como nos diz Engelhardt: “O sofrimento pode oferecer uma oportunidade para dominar o orgulho, controlar as paixões, pedir perdão e enxergar além do imanente. Ele pode nos ajudar a nos direcionarmos para além de nós mesmos, para Deus” (2003, p. 393), como por exemplo, um jovem que vivia uma vida totalmente entregue as paixões, ao orgulho, a autossuficiência, discussões familiares, ao deparar-se com o sofrimento, se questionou sobre a vida, arrependeu-se, aceitou sua dor e alcançou grande evolução em sua forma de viver, em sua humanidade, através da ascese aprendida na religião em que praticava.

A filosofia da ascese faz com que o homem se depare com o sofrimento e aproveite deste para o crescimento próprio. Com conhecimento das dimensões físicas, bem como psicológicas, o ser humano é capaz de superar-se a ponto de renovar sua maneira de portar-se ante a dor, a ponto de sacrificar-se pelo outro.

4.3.3 Espírito de sacrifício

O sofrimento quando acrescido amor, torna-se sacrifício, e este sofrimento é meritório e digníssimo diante do Ser Supremo, Deus. Sacrifício é dar um significado real e valoroso aquela dor. “Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício” (FRANKL, 2019, p. 137), este ideal formulado pelo sentido faz com que o sujeito da dor, tenha maior capacidade de suporta-la por um bem maior. João Paulo II (2009, p. 28) apresenta que o sofrimento presente na humanidade de variadas maneiras, faz com que abrolhe no homem o amor, este que é uma dádiva abnegativa do próprio sujeito, a mercê do outro, em especial o outro que sofre.

O espírito de sacrifício é diferente de ressignificação, como aponta Mohana (p. 69, 1980) apresenta que “Enquanto a resignação é estática, uma atitude de quem cede, quase instintiva, o espírito de sacrifício é essencialmente dinâmico e profundamente consciente, viril”, portanto, “a resignação aceita o sofrimento, o espírito de sacrifício aproveita o sofrimento”, é manifesto que o sacrifício é sobrenatural, diferentemente da ressignificação que é natural, pois, a partir de uma dor, pode-se transcender por amor do outro.

Dentro da filosofia Cristã, em especial na doutrina católica, apresenta-se grandes exemplos de desenvolvimentos através de um espírito de sacrifício. Francisco Faus em seu livro *a Conquista das Virtudes*, apresenta a virtude da paciência como a ‘arte de sofrer’ e relata: “A palavra paciência procede do latim *pati*, que significa padecer. A virtude da paciência é, de fato, ‘a arte de padecer’ (...) pode-se definir como ‘a arte de sofrer com fé, esperança e amor’, sobretudo amor” (2014, p. 163). O sofrimento altera a composição humana a ponto de aumentar o stress, o nervosismo, a impaciência, porém, quando se dá um significado sobrenatural ao sofrer, o sujeito aplica a dor para um crescimento virtuoso.

Grande exemplo de ensinamento cristão católico é o livro *Imitação de Cristo* onde inúmeras vezes o autor apresenta frases que fazem com que o leitor medite sobre o sofrimento e o espírito de sacrifício, bem como: “Se souber calar e sofrer, sem dúvida verá o auxílio de Deus” (KEMPIS, 2013, p. 132); assim também: “Dai-me força para resistir, paciência para sofrer, constância para perseverar” (Ibid., p. 276); do mesmo modo: “Por amor a Deus, deve sofrer de bom grado todas as adversidades, como os trabalhos, dores, tentações, vexames, angústias, perseguições, necessidades doenças, injúrias, maledicências, repreensões, censuras, humilhações, afrontas, desprezos e rebaixamentos” (Ibid., p. 301). São diretrizes as quais demonstram este sentido sobrenatural do sofrimento, e alguns chegam a tamanho desapego, a ponto de entregar sua própria vida por um ideal, um sentido verdadeiro e sobre-humano.

4.3.4 Mártires e santos

Um belo exemplo de amor deve ser sempre seguido, e a exemplo de Cristo, muitos outros entregaram seus corpos a sofrimentos atrozes, por seguir os passos de amor do seu Senhor. Os santos e mártires da Igreja Católica dão testemunho verdadeiro deste espírito total de sacrifício pela crença em sua religião e por amor. Frankl diz que “o ser humano é capaz de viver e até morrer por seus ideais e valores” (2019, p. 125), ressaltando principalmente os valores sobrenaturais. Não é qualquer um que pode testemunhar o amor no sofrimento, mas somente aquele que confia e ama de verdade no Amor Maior.

A exemplo de martírio conhece-se na tradição da Igreja Católica, Padre Maximiliano Maria Kolbe, que preso pelo do regime nazista ofertou sua vida por amar de ilimitadamente o próximo, mais que a si mesmo. O livro *O Santo do dia* (CONTI, 2006, p. 430) narra que este nascido na Polônia, ingressou no seminário franciscano com 13 anos, ordenado sacerdote em 1918. Em 1939 as tropas nazistas tomaram a Polônia, onde em 1941 foi preso e enviado para o campo de *Auschwitz*. Após três meses de sofrimentos, uma fuga, fez com que os chefes da guarda escolhessem dez prisioneiros inocentes para morrer de fome. Um dos prisioneiros chorou por sua esposa e seus filhos, assim Kolbe tomado de compaixão, pede ao comandante para poder substituir aquele pai de família, em que o pedido foi aceito pelo chefe.

Viktor Frankl convivendo com ele no campo de concentração, fala do final da vida deste santo ao escrever: “E hoje não se precisa mais hesitar no uso da palavra ‘santos’. Basta pensar no padre *Maximilian Kolbe*, que foi deixado passando fome e finalmente assassinado através de uma injeção de ácido carbólico em *Auschwitz*” (Ibid., p. 175). Papa Paulo VI o beatificou em 1973, e São João Paulo II o canonizou como Mártir da Caridade em 1982.

Faus (2014, p. 32) relata o exemplo de santidade de João da Cruz, este passou por uma perseguição injusta onde foi levado a ficar trancafiado em uma cadeia sórdida. Diariamente era acometido por insultos e também chicotadas, comia muito mal e advinha frios e calores estarrecedores. Naquele cárcere, João trazia consigo um livro de orações, e para lê-lo fazia necessário ficar nas pontas dos pés em um banquinho, assim aproveitando um pequeno filete de luz, sobrevivendo de um buraco no teto. Neste tempo em que passou na prisão em grande sofrimento, João pode dar sentido a sua tribulação, compôs duas obras que se tornaram cumes da mística cristã católica, *Noite escura da alma* e o *Cântico espiritual*. O mais impressionante foi o amor em sua história, pois ao término da agonia, ele chamava seus torturadores de ‘os meus benfeitores’, pois a meta de João não estava nos bem terrenos, mas na esperança de realização espiritual e eterna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com um crescente discurso da evolução da medicina, fazendo com que esvaneça o sofrimento humano, porém, com o passar do tempo foi percebendo que a medicina é limitada, e que não conseguiriam acabar com todo sofrimento do mundo somente com alocação. Vergely fala que: “No século XX, com os progressos da medicina e da democracia, as coisas mudaram. Quando foram inventados os meios de controlar a dor, diminuiu a necessidade de procurar um sentido para o sofrimento” (2000, p. 09), logicamente o homem desaprende a sofrer e vive uma analgesia, dopados com remédios que somente amenizam a dor. O mesmo autor (Ibid.) continua assegurando que surge assim, um discurso contra o sofrimento, e a favor dos médicos e busca da felicidade, fortificando causas para batalhar contra o sofrimento, mais do que ensejos para vivenciá-lo.

Contudo, surgem nos séculos atuais doenças incuráveis até o presente momento, como a Aids, ou até novas doenças como a H1N1, Covid 19, estas duas últimas que ceifaram a vida de várias pessoas. Assim pode-se concluir que o sofrimento está contido na natureza humana e a melhor forma de enfrentá-lo é dando um significado, um sentido. Agregando maturidade em sua capacidade de sofrer e também em sua humanidade, se tornando mais humano.

Não obstante, Lavelle (2014, p. 87) apresenta que o sofrimento forma o homem em sua vivencia no mundo, onde este não está solitário, mas pelo contrário, a dor dá capacidade do sujeito ter empatia ao outro que sofre, cresce no indivíduo pelo sofrimento a consciência, e proporciona a ele a disposição de purificação e libertação espiritual. Ora, a busca transcendental humana, faz com que na religião o sujeito encontre, em Deus, a felicidade diante dos sofrimentos vivenciados, e de igual modo, renovando suas esperanças de uma felicidade completa.

O mesmo autor remeter a dor ao dizer que “para muitos ela é uma derrota perpétua, e apenas para alguns é ocasião de vitórias sempre novas” (Ibid., p. 79), diante disto, fica-se um questionamento: o que faço com minhas dores e sofrimentos? Aproveito elas para amadurecer ou é somente mais uma ocasião de demonstrar minha mísera carência pessoal? Busco com elas ser vitorioso ou um fracassado? Portanto, é claro a disposição do homem de aproveitar dos sofrimentos para melhora própria e também do próximo, porém depende de cada indivíduo a forma de lidar com esta realidade presente em toda existência humana, sem execuções de raça, cor, credo, situação social, etc.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*. 1ª. ed.. São Paulo: Paulus, 1984.

ARAGÃO, Soraya Rodrigues de. *O Sofrimento pode ser sinal de libertação*. Postagem em 18 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://www.portalraizes.com/o-sofrimento-pode-ser-sinal-de-libertacao/#:~:text=A%20magnifica%20borboleta%20apresenta%20em,foi%0inerente%20a%20sua%20ess%C3%Aancia>>. Acesso 12 de ago. de 2020.

BÍBLIA de Jerusalém 1ª. ed.. São Paulo: Paulus, 2002.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. 3ª. ed.. Petrópolis: Vozes, 1985.

CONTI, Servílio. *O Santo do dia*. 10ª. ed..Petrópolis: Vozes, 2006.

ENGELHARDT, H. Tristram Jr. *Fundamentos da bioética cristã ortodoxa*. 1ª. ed.. São Paulo: Loyola, 2003.

FAUS, Francisco. *A conquista das virtudes*. 2ª. ed.. São Paulo: Cultor de Livros, 2014.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. 5ª. ed.. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 48ª. ed.. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019.

FRANKL, Viktor. *O sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver*. 1ª. ed.. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor. *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. 1ª. ed.. São Paulo: É Realizações, 2019.

GUSMAN, Ana Carolina et al. *A dor e o controle do sofrimento*. Belo horizonte: Revista de Psicofisiologia, Laboratório de Psicofisiologia do Departamento de Fisiologia e Biofísica do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, 1997.

HASHMI, J. *Lidando com o sofrimento no Islã*. Postado em 06 de julho de 2015 - última modificação em 15 de abril de 2018. Disponível: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/1803/viewall/lidando-com-o-sofrimento-no-islã-parte-1-de-5/>>. Acesso em 16 de out. de 2020.

JOÃO PAULO II, João. *Carta apostólica Salvifici Dolores: o sentido cristão do sofrimento humano*. 11ª. ed.. São Paulo: Paulinas, 2009.

KEMPIS, Tomás; J. I. Roquete. *Imitação de Cristo*. 27ª. ed.. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

LAVELLE, Louis. *O mal e o sofrimento*. 1ª. ed.. São Paulo: É realizações, 2014.

LEWIS, C.S. *O problema do sofrimento*. 2ª. ed.. São Paulo: Vida, 1986.

LUCAS, Ramóm Lucas. *O Homem: Espírito encarnado: compêndio de filosofia do homem*. 1ª. ed.. Santa Isabel: Seminário Mater Ecclesiae, 2005.

MARCHON, Benoit. *As grandes religiões do mundo*. 1ª. ed.. São Paulo: Paulinas, 1995.

MOHANA, João Miguel. *Sofrer e amar: psicologia e teologia do sofrimento*. 14ª. ed.. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

MONDIN, Batista. *O homem, quem é ele?: Elementos de antropologia filosófica*. 1ª. ed.. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

ROHDEN, Humberto. *O homem: sua natureza, sua origem e sua evolução*. 1ª. ed.. São Paulo: Alvorada, 1980.

SHEEN, Fulton J. *Filosofia da religião: O impacto da cultura moderna sobre a religião*. 1ª. ed.. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

SOUZA, Marcelo de. *A razão do sofrimento*. Postagem em 10 de julho de 2016. Disponível: <[https:// administradores.com.br/artigos/a-razao-do-sofrimento](https://administradores.com.br/artigos/a-razao-do-sofrimento)>. Acesso em 12 de ago. de 2020.

TEPE, Dom Valfredo, O.F.M. *O sentido da vida: Ascese cristã e psicologia dinâmica*. 11ª. ed.. Petrópolis: Vozes, 1983.

VERGELY, Bertrand. *O sofrimento*. 1ª. ed.. Bauru: EDUSC, 2000.

WILGES, Irineu. *Cultura religiosa: As religiões do mundo*. 4ª. ed.. Petrópolis: Vozes, 1983.

ANEXO I

Exemplo de um homem que dá sentido ao sofrimento, lutar até o fim: “Havia um homem extraordinariamente dotado, espiritualmente falando, que, na sua juventude, fora arrancado de repente da sua ativa vida profissional, logo que se lhe notaram sintomas de paralisia nas pernas. Era isto consequência de um corte transversal da medula espinal (motivado por uma tuberculose da coluna vertebral), que se desenvolvera bastante rapidamente. Aventou-se a possibilidade de uma laminectomia. Um dos mais renomados entre os novos cirurgiões da Europa, consultado pelos amigos do paciente, mostrou-se pessimista do ponto de vista do prognóstico, e recusou-se a operar. Um deles escreveu uma carta a uma amiga do doente, em cuja fazenda este se achava, informando-a do ocorrido. A empregada, sem a menor idéia do que fazia, entregou a carta à dona da casa no momento em que esta tomava o café da manhã com o hospede doente. O que então aconteceu, é o próprio paciente quem o descreve a um amigo seu, numa carta onde respigamos as passagens seguintes: ‘A Eva não pôde evitar que eu lesse a carta. De modo que tomei conhecimento de minha sentença de morte, contida nas explanações do professor. Meu caro, sabes o que isto me faz lembrar? Aquele filme do ‘Titanic’, que vi há tantos anos. Lembro-me especialmente da cena em que o paralítico Krüppel, representado por Fritz Kortner, rezando o Pai-Nosso, opõe à morte uma pequena comunidade de destino, enquanto o navio vai ao fundo e a água lhes sobe pelo corpo acima. Saí do cinema impressionado. Julgava que era um presente do destino ir assim consciente ao encontro da morte. Pois olha: agora, foi-me dado, a mim!, esse presente. Chegou o momento de pôr à prova o combatente que há dentro de mim. Contudo, o que desde já está em causa não é uma vitória, mas sim uma última tensão das forças como tais, uma espécie de derradeiro exercício de ginástica... O que eu queria era suportar as dores sem os narcóticos, enquanto puder... ‘Combate em posição perdida?’ Não, isso, nem falar! O que importa, é lutar... Não pode haver quaisquer posições perdidas... À noite, ouvimos a ‘quarta’ de Bruckner, a romântica. Era como se tivesse cá por dentro de mim todo um mundo espaçoso a deslizar em torrentes reparadoras. De resto, trabalho todos os dias na Matemática, e nem de longe me sinto sentimental’.” (Frankl, 2003, p. 156 - 157).

ANEXO II

Exemplo de uma mulher que dá sentido à morte: “Havia uma mulher, muito nova, que tinha sido sempre mimada pela vida. Um dia, inopinadamente, foi transferida para um campo de concentração. Aí, adoeceu e, de dia para dia, definhava. Mas, eis o que disse poucos dias antes de morrer: ‘Para falar a verdade, estou muito agradecida ao destino por me ter tratado tão duramente. Na minha vida anterior, burguesa, não há dúvida que, a bem dizer, fui muito relaxada. Quanto às minhas ambições artísticas, não havia nada de sério nisso’. E, vendo a morte que se aproximava, encarou-a de frente. Do lugar da enfermaria em que ela jazia podia-se ver, pela janela, um castanheiro em flor; e, se nos debruçávamos sobre a cabeça da doente, divisávamos precisamente um ramo com duas résteas de flores. ‘Esta árvore é o meu único amigo na soledade em que estou’, dizia. ‘É com ela que eu converso’. Estaria com alucinações, estaria a delirar? Porque, de fato, acreditava que a árvore lhe ‘respondia’. No entanto, faltavam todos os sinais do estado de delírio. Que espécie de estranho ‘diálogo’ era aquele? O que é que a árvore em flor ‘dizia’ à moribunda? ‘O que me disse foi isto: eu estou aqui, estou ao teu lado, eu sou a vida, a vida eterna’.” (Frankl, 2003, p. 158).